

CLAUDIA CRUZ DA SILVA

**(DES)ENROLANDO A CIRCULARIDADE DAS IMAGENS DE
ATADURAS NO LIVRO “CURSO DE ENFERMEIROS”**

Rio de Janeiro
2015

CLAUDIA CRUZ DA SILVA

**(DES)ENROLANDO A CIRCULARIDADE DAS IMAGENS DE
ATADURAS NO LIVRO “CURSO DE ENFERMEIROS”**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Escola de Enfermagem Alfredo
Pinto/Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro – UNIRIO, para
obtenção do título de Mestre em
Enfermagem

ORIENTADORA: Prof^ª. Dra. Almerinda
Moreira

CO-ORIENTADOR: Prof. Dr. Fernando
Porto

Rio de Janeiro
2015

CLAUDIA CRUZ DA SILVA

(DES)ENROLANDO A CIRCULARIDADE DAS IMAGENS DE ATADURAS NO LIVRO
“CURSO DE ENFERMEIROS”

Dissertação de Mestrado apresentada à
Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/
Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro - UNIRIO como exigência
para obtenção do título de Mestre em
Enfermagem.

Aprovado em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Wellington Amorin

Prof^a Dra. Sandra Goulart

Prof. Dr. Fernando Porto

Prof^a. Dra. Mercedes Neto

Rio de Janeiro
2015

Dedico este trabalho à

Sra. Maria de Lourdes, minha mãe, a quem devo toda e qualquer conquista em minha vida, pois sem seu apoio e dedicação esse trabalho não se realizaria.

Aos meus filhos, Guilherme, Maria Carolina e Gustavo Daniel que mesmo não alcançando, ainda, toda a dimensão e importância do estudo, suportaram tantos momentos de ausência materna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo apoio e compreensão, que dispensaram mim durante todo o processo de confecção deste trabalho.

Aos meus amigos particulares que souberam entender os muitos momentos de recolhimento e conseqüente ausência das comemorações de amizade e, que com essa compreensão foram de grande importância para que eu conseguisse manter a serenidade e o foco necessários para a realização do trabalho.

Aos membros da Laphe, que desde o início acompanharam o desenvolvimento desse estudo com orientações importantes sobre que caminhos deveria trilhar.

Aos membros do Lacuiden que sem as orientações, as conversas, as brincadeiras e os encontros científicos que realizamos rotineiramente eu não conseguiria forças e conteúdo intelectual para seguir em frente.

Em especial aos amigos Simone Aguiar, Mercedes Neto, Pedro Nassar, pois além da amizade se configuram como exemplos de esforço, batalha, honestidade e retidão que faço questão de seguir.

Um agradecimento especial pelo carinho e ajuda à Enfermeira e amiga Juliane Aguiar que mesmo com tantos afazeres encontrou tempo para me ajudar.

Agradeço à Prof^a Dra. Almerinda Moreira pela confiança depositada em mim e, por toda a ajuda no desenvolvimento desse trabalho.

Um agradecimento mais que especial ao meu mentor intelectual Prof. Dr. Fernando Porto, sem o qual nada disso seria possível. Você é, sem sombra de dúvidas o maior responsável por essa minha conquista.

Muito obrigada à Deus por colocar todas essas pessoas, tão especiais, em meu caminho e por me dar forças para trilhar e terminar essa jornada, tão árdua, mas também tão gratificante para mim.

*“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu,
mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre
aquilo que todo mundo vê.”*

(Arthur Schopenhauer)

RESUMO

O presente estudo tem como objeto a circularidade cultural das imagens de bandagens veiculadas na obra “Curso de Enfermeiros” para construção do conhecimento inerente ao cuidado, na profissionalização da Enfermagem Brasileira. Para o qual se constituiu os seguintes objetivos: identificar a origem das imagens sobre as técnicas de bandagens, apresentadas na obra “Curso de Enfermeiros”; analisar a circularidade cultural dessas imagens de bandagens e; discutir as imagens como elementos da construção do conhecimento para a profissionalização da Enfermagem Brasileira. Tendo como fontes históricas principais os livros: "Curso de Enfermeiros", de Adolpho Possollo, em sete edições, o livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”, de autoria de Goffres (1838) e a obra “*Les bandages et les appareils à fractures*”, de autoria de I. F. Guillemin, edição de 1875. Essas fontes e todo o processo investigativo, foram alinhavados pela abordagem da micro-história, delimitadas pela visão da circularidade cultural, desenvolvida por Carlo Guinzburg, que entende que os elementos culturais se movimentam de uma classe para outra, sendo traduzidos em cada uma, de acordo com o que elas têm de capital intelectual e cultural. Para isso foi necessário mergulhar nas questões que se relacionaram com a criação da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, já que o livro “Curso de Enfermeiros” foi desenvolvido para ser utilizado nesta Instituição, bem como no modelo de ensino a que se pretendia para tal Escola. Por isso a necessidade de se entender de onde e como foi transmitido esse conhecimento à Enfermagem enquanto classe profissional em formação. Após a análise dos fatos, das imagens e suas origens percebe-se que a transmissão de conhecimentos se deu pela questão da circularidade cultural, tendo em vista que Adolpho Possollo, ao se apropriar das imagens do livro de Guillemin, que já havia bebido na fonte de outro autor, Goffres, as transmitiu, de acordo não só com suas interpretações acerca do tema, mas também com certa intenção em moldar a classe que se formava, pois nem todo o conteúdo a que, Possollo, teve acesso, foi transmitido. Sendo delimitado, pela classe médica, na figura de Adolpho Possollo, através da circularidade cultural, certas características à profissão de Enfermeiro, ainda no início da profissionalização da Enfermagem Brasileira.

Descritores: Enfermagem, História da Enfermagem, Educação, Ensino.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objeto la circularidad cultural de las imágenes de las compresas transmitido en la obra "Curso de Enfermeiros" para la construcción de los conocimientos inherentes a el cuidado en la profesionalización de la Enfermería Brasileña. Para el que tiene los siguientes objetivos: identificar la fuente de las imágenes sobre las técnicas de las compresas, presentados en la obra "Curso de Enfermeiros"; analizar la circularidad cultural de las imágenes de compresas y; discutir las imágenes como elementos para la construcción del conocimiento para la profesionalización de la enfermería brasileña. Teniendo como principales fuentes de libros: "Curso de Enfermeiras ", de Adolpho Possollo, en siete ediciones, el libro "*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*", de autoria de Goffres (1838) y la obra "*Les bandages et les appareils à fractures*", del autor I. F. Guillemin, edición de 1875. Estas fuentes y todo el proceso investigativo, fueran analizados com los ojos de la micro-historia, delimitado por una visión de circularidad cultural desarrollado por Carlo Guinzburg, que, en su entendimiento, cree que los elementos culturales pasan de una clase a otra, se traduce en cada una, según lo que tienen de capital intelectual y cultural. Para tal, es necesario la inmersión en las cuestiones relacionadas con la creación de la Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, puesto que el libro "Curso de Enfermeiros" fue desarrollado para ser utilizado en esta Institución, así como en el modelo de enseñanza que se ententara para la dicha Escuela. Por esso, la necesidad de comprender dónde y cómo fue transmitido este conocimiento para la enfermería, mientras clase profesional en formación. Tras el análisis de los hechos, de las imágenes y sus orígenes se observa que la transmisión del conocimiento era el tema de la circularidad cultural. Teniendo en cuenta que Adolpho Possollo a tomar posesión de las imágenes del libro de Guillemin, quien ya había estado bebiendo en la fuente de otro autor, Goffres, el transmisión en acuerdo no sólo con sus interpretaciones sobre el tema, pero también con una cierta intención de formar la clase que se graduó, porque no todos los contenidos que tenía acceso a Possollo, fue transmitido. Está delimitado por la profesión médica, en la figura de Adolpho Possollo, a través de la circularidad cultural, ciertas características a la profesión de enfermería, todavía al principio de la profesionalización de enfermería Brasileira .

Palabras clave: enfermería, educación, historia de enfermería.

ABSTRACT

This dissertation study the cultural circularity of bandage's images conveyed in the work _ "Nurses Course" for construction of the inherent knowledge to care, in the professionalization of Brazilian Nursing. For which the following objectives was constituted: identify the source of the images on the bandages techniques presented in the book "nurses Course"; analyze the cultural circularity of these pictures and bandage's images; discuss the images as elements for the construction of knowledge to the professionalization of Brazilian Nursing. The principal historical sources the books: "Nurses Course," Adolpho Possollo in seven editions, the book "Précis iconographique of bandages, passéments et appareils", authored Goffres (1838) and the title "Les bandages et les appareils the fractures "authored I.F. Guillemin, edition of 1875. These sources and the entire investigative process, were tacked by the approach of micro-history, bounded by the vision of cultural circularity, developed by Carlo Ginzburg, who understands that the cultural elements move from one class to another, being translated into each one, according to what they have intellectual and cultural capital.

This required dive into the issues that were related to the creation of the Alfredo Pinto Professional School of Nurses, as the book "Nurses Course" was developed to use in this institution and the teaching model that was intended for such school. Therefore, the need to understand where and how it was transmitted this knowledge to nursing as a professional class in training. After analyzing the facts, images and its origins can be seen that the transmission of knowledge was due to the issue of cultural circularity. Considering that Adolpho Possollo to appropriate of Guillemin book pictures, who had been drinking at the source of another author, Goffres transmitted them in accordance not only with their interpretations of the theme, but also with a certain intention in shape in the class that was formed because not all content available to it Possollo, was broadcast. Being delimited by the medical class, in the figure of Adolpho Possollo, through cultural circularity, certain characteristics to the nursing profession, even in the beginning of professionalization of Brazilian Nursing.

Keywords: Nursing, Nursing History, Education, Teaching

LISTA DE QUADROS

- QUADRO 01 – Quadro n. 1- Relação de manuais que referem o uso de bandagens como cuidado..... p 37-38
- QUADRO 02 – Quadro 2 – Relação de alguns manuais para o ensino da Enfermagem publicados no Brasil p 38
- QUADRO.03 - Idiomas identificados e suas respectivas frequências p 45
- QUADRO.04 - Relação de materiais mencionados, na obra “Curso de Enfermeiros” para a confecção de ataduras p 47
- QUADRO.05 - Capítulos e Imagens contidos no livro “*Les bandages et les appareils à fractures*” (1875) p 54
- QUADRO 06 - Pareamento de imagens contidas nos livros “*Les bandages et les appareils à fracture*” e “*Précis iconographique de bandages, passéments et appareills* p 55
- QUADRO.07 - Relação de semelhança entre as imagens assinadas e as não assinadas, na obra “*Les bandages et les appareils à fractures*” p 56
- QUADRO 08 – Relação de comparação entre imagens e legendas nas obras de Guillemin e Possollop 61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico n.1 - Número de imagens por edição da obra “Curso de Enfermeiros” p 49

Gráfico n. 2 – Relação das representações sexuais para o ensino das técnicas de bandagens
..... p 50

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM. 1 - Múmia localizada no Museu do Louvre	p 19
IMAGEM. 2 - Trecho do Papiro de Smith	p 20
IMAGEM. 3 – Registro do Papiro de Ebers	p 20.
IMAGEM 4 - Capa do livro“ <i>Les bandages et les appareils à fractures</i> ”edição de 1875 ..	p 52
IMAGEM. 5 - Contra-capas do livro “ <i>Les bandages et les appareils à fractures</i> ”, edição de 1875	p 52
IMAGEM. 6: Contra-capas do livro“ <i>Précis iconographique de bandages, passéments et appareils</i> ” ano de 1838	p 53.
IMAGEM 7: Mosaico Imagético – Ataduras	p 59
IMAGEM 8: Mosaico Imagético - Técnicas de Bandagens para Cabeça	p 60
IMAGEM 9: Mosaico Imagético - Técnicas de bandagens para região cervical.....	p 62
IMAGEM 10: Mosaico Imagético - Técnicas de bandagens aplicadas aos membros superiores	p 63
IMAGEM 11: Mosaico Imagético - Técnicas de bandagens aplicadas para região torácica	p 64
IMAGEM 12: Mosaico Imagético - Técnicas de bandagens aplicadas na região abdominal e genitais.....	p 65
IMAGEM 13: Mosaico Imagético - Técnicas de bandagens aplicada aos membros inferiores	p 66
IMAGEM 14: Mosaico Imagético - Técnicas de bandagens as mãos	p 67
IMAGEM 15: Mosaico Imagético - Imagens semelhantes contidas na obra do Dr. Bourneville	p 68

SUMÁRIO

SEÇÃO 1 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
1.1 – MOTIVAÇÃO	14
1.2 - PROBLEMATIZAÇÃO	15
1.3 - JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA	22
SEÇÃO 2 – OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA	25
2.1– FONTES HISTÓICAS	32
SEÇÃO 3 – MANUAIS, ADOLPHO POSSOLLO E A ESCOLA PROFISSIONAL DE ENFERMEIRAS ALFREDO PINTO	35
3.1 – MANUAIS DE ENFERMAGEM.....	35
3.2 – ADOLPHO POSSOLLO	39
3.3 – ESCOLA PROFISSIONAL DE ENFERMEIRAS ALFREDO PINTO.....	41
SEÇÃO 4. – IMAGENS SOBRE TÉCNICAS DE BANDAGEM NA OBRA “CURSO DE ENFERMEIROS”, DE ADOLPHO POSSOLLO	44
4.1 – O LIVRO “CURSO PARA ENFERMEIROS	44
4.2 – ORGANIZAÇÕES DO CAPÍTULO “CURATIVO E PEQUENAS CIRURGIAS”	46
4.3 - IMAGENS	48
4.4 – CONSTRUÇÃO DO CAPÍTULO “CURATIVO E PEQUENAS CIRURGIAS”	51
SEÇÃO 5 – CIRCULARIDADE DAS IMAGENS	58
5.1 - A CIRCULARIDADE NAS OBRAS DE POSSOLLO/GUILLEMIN/GOFFRES	58
SEÇÃO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
6.1 – CIRCULARIDADE CULTURAL ENTRE AS CLASSES	76
REFERÊNCIA	78
APÊNDICE A	83
APÊNDICE B	89

SEÇÃO 1

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 – Motivação

Alguns são os fatores motivacionais para a construção deste estudo, dentre eles, a reaproximação com o universo acadêmico, que se deu na mesma Escola onde me graduei, a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO (EEAP).

Esse retorno aconteceu através do convite para conhecer o grupo de pesquisa em História da Enfermagem, intitulado Laboratório de Abordagens Científicas em História da Enfermagem (Lacenf) e, o Laboratório de Pesquisas em História da Enfermagem (Laphe). Este último foi criado e é coordenado pela Prof. Dr^a Almerinda Moreira, Prof. Dr^o Wellington Amorim, Prof. Dr^o Fernando Porto e Prof. Dr^o Osnir Claudiano da Silva Júnior, sendo o último citado, o líder do grupo de pesquisa, que é inscrito no CNPq¹.

Através desses encontros pude retornar ao ambiente da pesquisa, além de descobrir o gosto pela História da profissão. Sentimentos que cresceram juntamente, com o grupo Lacenf e Laphe, e o avanço científico produzido por eles. A “descoberta” da história da minha profissão foi, com certeza, uma grata surpresa, tendo a tese de doutorado intitulada “Profissionalização da Enfermagem brasileira: o pioneirismo da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1890-1920)”, defendida pela Dr^a Almerinda Moreira em 2003, como rica fonte de inspiração, de conhecimentos e de informações valiosas, o que me possibilitou entender que a resposta para muitos dos meus questionamentos estava na História da minha profissão.

Durante os encontros no Lacenf tive acesso a uma das edições do livro “Curso de Enfermeiros”, de autoria de Adolpho Possollo. Este autor elaborou sua obra para servir como fio condutor aos ensinamentos do cuidado de Enfermagem, para as alunas da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto / EPEAP (POSSOLO, 1920).

¹ CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, organização governamental associada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), criada em 1951, tendo como missão fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros. Atua na formulação e condução das políticas de ciência, tecnologia e inovação, desenvolvendo e reconhecendo, em âmbito nacional, instituições de pesquisa e pesquisadores brasileiros, pela comunidade científica internacional. Criado em 1951, desempenha papel primordial na formulação e condução das políticas de ciência, tecnologia e inovação. Sua atuação contribui para o desenvolvimento nacional e o reconhecimento das instituições de pesquisa e pesquisadores brasileiros pela comunidade científica internacional.

O ano de publicação da primeira edição do livro é datado de 1920. Ano em que ocorreu o desdobramento da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (1890) em três seções: masculina, feminina e mista, sendo a seção feminina, denominada, em 1921, como Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto / EPEAP (BRASIL, DECRETO 791/1890; MOREIRA, 1990 e PORTO, 2007).

Ao ler os capítulos do livro, um, em especial me despertou maior interesse, aquele que apresenta as técnicas de bandagens, em diversas partes do corpo, para o qual Possollo se utilizou de inúmeras ilustrações como estratégia didática para ensino-aprendizado. Ademais, identifiquei um pôster sobre o tema no arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Panphiro, o qual contém imagens que demonstram técnicas de bandagens. Esse tem em seu verso o carimbo da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE), com datação de 1908.

A escolha pela temática das bandagens não foi ao acaso, pois diante da minha experiência profissional, em âmbito intra-hospitalar, ela é uma das técnicas mais executadas, sendo empregada para diversas finalidades: curativos, imobilizações, contenções, fixações, aquecimentos etc., exigindo, de seu executor, domínio e conhecimento técnico.(FIGUEIREDO, 2007).

A bandagem é uma técnica que requer conhecimento apropriado e específico, pois para cada indicação há uma técnica a ser empregada. Por isso, deve se ter clareza do que se deseja e, de como fazê-lo para obter os melhores resultados. O emprego de técnicas inadequadas ou equivocadas pode trazer consequências sérias para quem se submete. Dentre elas: lesões dérmicas ou pinçamento de nervos nos casos de imobilizações, atraso na cicatrização de lesões dérmicas, prejuízos da circulação tanto em bandagens compressivas realizadas de forma inadequada ou sem indicação quanto em imobilizações com técnica incorreta, entre tantas outras iatrogenias.

Portanto, a necessidade de compreender como se desenvolveu a construção de saberes na Enfermagem Brasileira, o regresso à vida acadêmica, na Escola de origem e pela visão da História da profissão, aliados à prática profissional, são os fatores que se entrelaçam, dando-se à motivação para a construção desse trabalho.

1.2 – Problematização

Para a construção da problematização se fará a contextualização das bandagens ao longo da História, que se apresenta, como um cuidado que requer um saber baseado na

cientificidade, na habilidade técnica e na competência. Ela está presente em diversos textos sobre os cuidados com enfermos, nas suas mais distintas apresentações com registros milenares.

As indicações, os materiais utilizados, os saberes empregados desde muito, vem sendo registrado, sob as mais diversas formas, desde a transmissão oral, antes da invenção da escrita, passando aos registros em tipos específicos de pedras, seguindo pelos papiros e chegando aos livros/manuais. Destinados a um público variado, desde leigos até profissionais, que pela força simbólica, são tidos como grandes detentores de saberes.

Não tão variado assim, são os autores desses registros, referindo-se à categoria profissional, grande parte, pertence à área da saúde ou como queiram, Biomédica. Iniciando com os Xamãs/Pagés, figuras de cunho religioso que se incumbiam das práticas relacionadas ao processo saúde/doença, melhor dizendo, doença/cura, em associação com os fenômenos da natureza. A transmissão dos conhecimentos era feita pela oralidade, se ampliando com invenção da escrita (COLIÉRE, 1989 e OGUISSO, 2007).

Continuando na linha do tempo, surgem os sacerdotes, que também eram religiosos, e indivíduos de influência política e social, articulavam as enfermidades e o sucesso de suas intervenções ao “poder das divindades”. Eles (sacerdotes) eram detentores de um saber empírico, baseado nas experiências anteriores e na observação. Neste período, as ciências começavam a se desenvolver. A escrita já era concebida e aprimorada, sendo a principal fonte de registro, nas mais distintas impressões: pedras, blocos, paredes, papiros (COLIÉRE, 1989 e OGUISSO, 2007).

O tempo segue, as ciências evoluem e se desenvolvem e, substituindo a figura dos sacerdotes/religiosos surgem os cientistas: astrônomos, matemáticos, filósofos, “médicos” - aqueles que se dedicavam aos processos do corpo humano e formas de intervenção para a recuperação da saúde, mesclando cura e cuidado em uma só figura (COLIÉRE, 1989).

As especializações aparecem, devido ao avanço do conhecimento sobre o corpo humano, que acarreta divisão social do trabalho na área da ciência da saúde. Taka Oguisso, em seu livro “Trajetória Histórica e Legal da Enfermagem” (2007), menciona que havia aqueles indivíduos que diagnosticavam e prescreviam intervenções para a cura e, existiam aqueles que cuidavam e que implementavam os procedimentos necessários para que as intervenções fossem concretizadas. Nesse momento da história, os saberes eram registrados sob a forma de livros (OGUISSO, 2007).

Atualmente, na área da saúde há uma divisão social do trabalho, com alguns segmentos na Enfermagem, na Medicina, na Nutrição, na Fisioterapia, na Fonoaudiologia, entre outros e, para cada um, existe um tipo de profissional. Contudo, de acordo com Taka Oguisso (2007, p.12) “as atuais profissões voltadas para a saúde emergiram de um tronco histórico comum plantado sobre as práticas de cuidados”, ou seja, as profissões da saúde, embora, atualmente, estejam divididas, embrionariamente pertencem a mesma origem, o cuidado ao outro.

Muitos segmentos, ou disciplinas da saúde, utilizam as bandagens como forma de tratamento ou coadjuvante deste, como, por exemplo: a medicina que utiliza as bandagens para determinados tipos de imobilizações na especialidade de ortopedia; a fisioterapia que as utiliza para promover contração ou relaxamento muscular (kinésioterapia); a enfermagem que emprega diversas técnicas com inúmeros propósitos: curativos, contenções, imobilizações, compressões, proteções, aquecimentos, e tantas outras indicações. Para cada indicação de bandagem há uma técnica de enfaixamento diferente a ser aplicada.

A partir da busca realizada para aquisição de informações sobre bandagens, em fontes históricas, pôde se observar que, elas são tão antigas, quanto o próprio cuidado, e que com o passar dos tempos foi aprimorada. Em outras palavras, as técnicas e os materiais utilizados, se reconfiguram em diversas indicações, pelas necessidades que acometiam o ser humano nas mais diversas situações do processo saúde-doença.

“Desde que a espécie humana surgiu, entendendo-se que os grupos humanos, ainda, que pequenos, os Homens tentavam tratar seus ferimentos, superficiais ou profundos, como: as fraturas, as amputações traumáticas, as lesões graves causadas por animais selvagens ou armas de fogo ... Nas diversas cavernas pesquisadas pelos arqueólogos, e nos locais onde foram encontrados muitos esqueletos pré-históricos, vários ossos apresentam-se com fraturas solidificadas e bem tratadas.” (SILVA, 1986).

O exposto acima é prova que contraria o pensamento antigo, de que o homem primitivo abandonava os indivíduos portadores desses acometimentos. Estudos mostram que ao invés de abandonar o membro do grupo, o Homem o cuidava até que fosse curado ou até a sua morte. Neste sentido, questiona-se: como era possível caçar, se alimentar, se proteger de animais, cuidar das lesões, se não fosse com o auxílio de outro indivíduo? (SILVA, 1986).

Achados arqueológicos de ossos de humanóides, como, por exemplo: o Homem de Neanderthal que apresentavam traços de traumatismos; o úmero esquerdo com cicatriz

que corresponde a uma lesão de gravidade. Em outro esqueleto desta espécie, descoberto em Krapina, ao norte da Iugoslávia, há sinal de fratura solidificada na clavícula. Estes são indícios do cuidado entre os pares, caso contrário, como explicar a sobrevivência, pelo menos por um tempo suficiente até a consolidação dessas fraturas, que tornariam o indivíduo incapacitado de se manter vivo sozinho? (SILVA, 1986).

Com a invenção da escrita, os registros ficaram mais detalhados, nos fornecendo informações mais precisas sobre as antigas civilizações, os indivíduos, sua cultura, seus hábitos e conhecimentos. A mais antiga escrita, que se pode decodificar, é a cuneiforme, com achados que datam cerca de 3100 a.C. (MIR, 2004).

Um dos mais antigos escritos cuneiformes, que fazem referência aos cuidados com os enfermos, é o conjunto de plaquetas, conhecido, atualmente, como “Tratado de diagnóstico e prognóstico”. Este registra os cuidados, basicamente, intra e pós-cirúrgicos. Como não poderia deixar de ser, as bandagens se fizeram presentes em algumas recomendações desse “tratado”, especificamente, em uma das tabuletas foi indicado, que nos cuidados pós-operatórios de cirurgias no tórax, se aplicasse um enfaixamento com atadura embebida em óleo de gergelim, planta herbácea com reconhecida atividade medicinal (BOUZON, 1988).

Contudo, foi a partir da civilização egípcia, que se tem os registros mais minuciosos e abundantes sobre as práticas curativas e os cuidados aos enfermos. Nessa civilização, o uso das bandagens se fez presente não só sob a forma de cuidados aos enfermos, mas, também, como uma das formas de cuidado com o corpo no pós- morte.

A mumificação era uma das fases do ritual funerário a que eram submetidos à maioria dos indivíduos, no Antigo Egito, onde o enfaixamento era uma das etapas desse processo. Resumidamente, a primeira etapa consistia na extração e acondicionamento das vísceras, que eram acondicionadas em potes “sagrados” fora do corpo (CÉSAR, 2009).

A segunda etapa era composta pela imersão do corpo em solução de natrão (solução de sais), para a desidratação. Tinha por finalidade extrair fluidos do corpo para evitar o processo de decomposição do mesmo, favorecendo a conservação por longos períodos (CÉSAR, 2009).

A fase seguinte, após a desidratação do corpo era caracterizada pelo preenchimento das cavidades com ervas aromatizadas, seu fechamento e impregnação do mesmo com resinas, para manter certa elasticidade, pois o corpo, ainda, necessitava ser manipulado por determinado tempo, até o momento final do processo de mumificação (CÉSAR, 2009).

A última etapa é a que desperta maior interesse para este estudo. Esta consiste no enfaixamento do cadáver, já devidamente preparado. A técnica iniciava-se pelas

extremidades, e dependendo da classe social, os dedos poderiam ser enfaixados individualmente, em seguida era a cabeça, os membros e o tronco. Por último, enrolavam o corpo como um todo em tecido de algodão ou linho (CÉSAR, 2009).

Durante a fase de aplicação das bandagens eram entremeados amuletos, jóias e papiros com orações, que segundo a crença egípcia ajudariam o morto a encontrar o caminho de volta à vida. O ritual funerário era realizado por sacerdotes, que miscigenavam o saber empírico com a prática religiosa. Durante as etapas, orações eram proferidas como parte integrante do processo (CÉSAR, 2009).

IMAGEM 1– Múmia localizada no Museu do Louvre - Paris



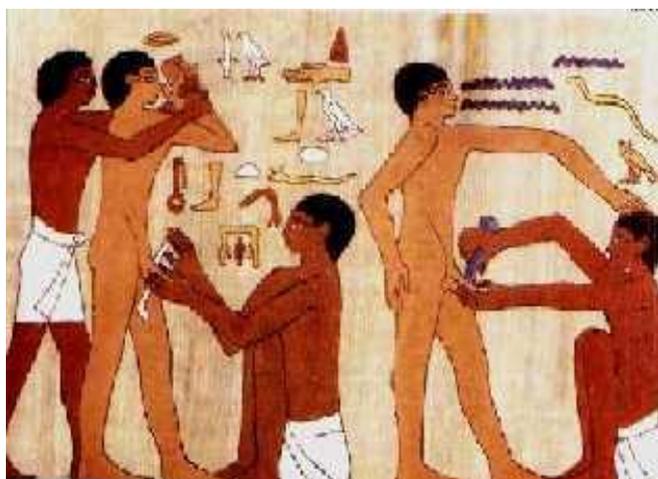
Como se pode identificar na imagem n. 1, este era o resultado final do processo descrito em linhas anteriores. O tecido utilizado era entregue pelos familiares aos sacerdotes, geralmente, eram pedaços de tecidos ou roupas usadas, que eram retalhadas em tiras de medidas aproximadas de 7cm a 20cm de largura. Estas eram preparadas antecipadamente com resinas de origem vegetal para evitar a umidade e a proliferação bacteriana e fúngica (CÉSAR, 2009)

Apesar de ser para a mumificação, a maioria dos apontamentos, tanto pelos documentos históricos, como, também, pelos estudos atuais, há outros tantos registros que, citam a aplicação de bandagens com fins terapêuticos, como exemplos, mais conhecidos, podem ser citados os papiros de Ebers (1550 A.c.) e o de Smith (1600 A.c.) (MIR, 2004).

Neles podem ser encontrados relatos do uso das bandagens, tanto nos tratamentos clínicos, quanto cirúrgicos das mais diversas patologias. Como se pode verificar, em trechos e imagens dos referidos papiros, presentes no “Livro História Geral da África II: África Antiga” (2010). Em um dos trechos do papiro de Smith, ele descreve como se procedia o tratamento de uma determinada lesão. Em outro, mostrava uma imagem da cirurgia de circuncisão (Imagem n.2). Em outro papiro, o de Ebers, é possível identificar uma imagem relacionada ao tratamento de migrânea, (Imagem n.3), nas seguintes palavras:

“no primeiro dia, debes usar um pedaço de carne como bandagem, depois debes colocar duas tiras de tecido de modo a juntar os lábios da fera” (BRASÍLIA, 2010; p: 137)

IMAGEM 2 – Registro do Papiro de Smith



Fonte: Institute of Medicine, London Lyons AS.

IMAGEM 3 – Registro do Papiro de Ebers.



Na Grécia e em Roma a aplicação de bandagens fazia parte de tratamentos: cirúrgicos; de lesões dérmicas ou de imobilizações. Sendo atribuído a Hipócrates Pai da Medicina e, Celsus, Pai da Cirurgia Plástica e Galeno, discípulo de Hipócrates e renomado médico na Roma Antiga – Estes eram grandes utilizadores dessas técnicas – diversos apontamentos sobre a utilização das bandagens nos mais variados fins (MIR, 2004).

Um dos compêndios mais famosos da medicina antiga o “*Corpus hipocraticum*”, atribuído a Hipócrates, em uma de suas passagens menciona que na fratura de mandíbula, se deveria usar bandagens em forma de tiras, confeccionadas com material em couro, juntamente, com uma espécie de pomada para cicatrização da pele (MIR, 2004).

Têm-se, ainda, relatos da utilização das bandagens em outros campos, além daqueles citados para o tratamento de enfermos como: os templos; os hospitais; as casas de saúde e,

outros espaços de aderência, como o *front* guerra, onde o quantitativo de indivíduos feridos era enorme, se fazendo necessário aplicação de bandagens.

Para se ter certa idéia do exposto, pode-se citar a Guerra do Paraguai, onde houve a participação do Brasil. Dionisio Cerqueira (1980) em sua obra, intitulada “Reminiscências da Campanha do Paraguai”, relata que para se cuidar das feridas dos soldados, as mulheres rasgavam suas saias para fazerem bandagens e adaptarem torniquetes e/ou garrotes com a finalidade de estancar o sangue, em situação de hemorragia (CERQUEIRA, 1980).

Barros em seu livro denominado “No tempo de Dantes” (1998) cita que:

Lendo, porém, o nome de várias senhoras que se dedicavam a tal mister [preparar bandagens para os soldados feridos na guerra do Paraguai], acompanhado de grandes elogios, o comendador fez cessar esse trabalho em sua casa, avesso como era aos aplausos e a toda espécie de publicidade. (BARROS, 1998, p.133)

Esta citação, remete ao fato de que muitas foram as menções sobre a utilização das bandagens e suas finalidades. Por isso, não se pode deixar de verificar sua presença, nos manuais para o ensino da Enfermagem.

Fato constatado através de busca ativa sobre a temática, onde foi possível identificar em manuais de Enfermagem, a presença das bandagens, em inúmeras obras nos âmbitos nacional e internacional. Exemplos são os manuais de língua: espanhola, francesa, e portuguesas (Portugal e Brasil), o que ratifica, se tratar de uma das técnicas que acompanham a Enfermagem nos espaços do cuidar há tempos.

Nesta perspectiva, este estudo se utilizou como fonte histórica principal, a obra “Curso de Enfermeiros”, elaborada pelo médico Adolpho Possollo. Ela foi publicada no período, em que a formação profissional dos Enfermeiros, no Brasil, ganhava novo impulso², após as diversas iniciativas e materializações em prol da profissionalização da Enfermagem (VERALDO, 2013).

Adolpho Possollo antes de escrever essa obra, visitou à Europa, quando elaborou o relatório intitulado “Viagem a Europa”. Neste, ele apresenta as estruturas físicas e tecnologias utilizadas à época na França, Alemanha, Portugal e Inglaterra. Destacou como se dava o ensino e a prática dos cuidados, em visão crítica e reflexiva, apontando que o Brasil

² O entendimento de novo impulso deve-se ao contexto de incentivo à criação de escolas e cursos para o ensino da Enfermagem. Tendo por baliza o ano de 1890, com a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE), seguida pela Escola de SP em 1912, Curso de voluntárias da Cruz Vermelha em 1914, Curso profissionalizante de Enfermeiras da CVB em 1916, que abrigou também os cursos de CV e CP na Escola prática da CVB, no Rio de Janeiro. (PORTO e AMORIM, 2010; p: 40-45)

necessitava de instituições formadoras que instruísem profissionais mais qualificados (MOREIRA, 2002; PORTO, 2007; ESPIRITO SANTO 2012).

Tendo o livro “Curso de Enfermeiros” como o elemento central do estudo, partiu-se para investigação, na perspectiva da micro-história, buscando refazer o percurso (de entrada e de saída) das imagens sobre bandagens, contidas em parte do capítulo intitulado “Curativos e pequenas cirurgias”.

Nesta linha de raciocínio, identificou-se que Possollo teve como uma das referências a obra francesa “*Les bandages et les appareils à fractures*”, datada de 1875, o que conduziu ao questionamento: Qual a circularidade cultural, deste conteúdo, que permeava os campos da medicina e enfermagem brasileiros?

Nessa busca, alguns indícios e vestígios foram percorridos, dentre eles: as assinaturas em algumas imagens; as obras publicadas por Possollo; referências citadas e, outros que apareceram ao longo do caminho em busca das respostas.

Para o entendimento de como se deu o trânsito dos conhecimentos contidos nessas imagens, apropriou-se do conceito de circularidade cultural, desenvolvido por Carlo Guinzburg. Este se estabelece no trânsito que, os mesmos elementos culturais perfazem entre as diferentes classes – dominantes e dominadas, sendo interpretados e produzindo crenças e práticas distintas, que se formulam a partir da bagagem intelectual própria de cada classe ou indivíduo (GUINZBURG, 1989).

A aplicação deste conceito – circularidade cultural- nas imagens de bandagens da obra “Curso de Enfermeiros” conduziu ao **Objeto** deste estudo, a saber: a circularidade das imagens de bandagens veiculadas na obra “Curso de Enfermeiros” para construção do conhecimento inerente ao cuidado, na profissionalização da Enfermagem Brasileira.

Nesta perspectiva, se teve por objetivos:

- Identificar a origem das imagens sobre a técnica de bandagens, apresentadas na obra “Curso de enfermeiros”;
- Analisar a circularidade cultural dessas imagens de bandagens e;
- Discutir as imagens como elementos de construção do conhecimento para a profissionalização da Enfermagem Brasileira.

1.3 – Justificativa e Relevância

Numa perspectiva ampla, os estudos nacionais sobre História da Enfermagem, têm início bastante recente, tendo como desbravadora a Enfermeira Walesca Paixão, na década de

1960, tendo como base, o livro “História da Enfermagem”, descrevendo as práticas de cuidado ao longo do tempo, realçando os aspectos da religiosidade na profissão.

O avanço nas produções sobre a História da Enfermagem ocorreu a partir da década de 1980, com a inserção da profissão nos programas de Pós graduação. Sendo este um dos fatores importante para essa alavancada. A busca pelas origens e pela trajetória da profissão além de fortalecer o presente, projeta o futuro da Enfermagem no entendimento da construção de identidade profissional.

Nestes termos, é fundamental a comunicação entre o passado e o presente, para se construir o futuro. Essa articulação – passado/presente - se estabelece pelo resgate da memória, que segundo Padilha e Borenstein:

“permite a preservação da base comum de elementos da profissão da Enfermagem (conhecimento técnico – científico, educativo, ético, artístico, filosófico, político, social, entre outros)” (PADILHA e BORESTEIN, 2005, p. 577).

Na construção do saber em Enfermagem é imperioso refazer os caminhos percorridos pela profissão, com olhar não apenas curioso, mas sob a lente do pensamento crítico-reflexivo, procurando associar os acontecimentos na profissão a vários outros contextos, para que dessa forma se possa se construir a sua trajetória. (PADILHA, 1998)

Isto posto, uma das possibilidades de se construir o conhecimento da História da Profissão se dá por (re)visitas ao passado, pelas quais se pode visualizar a sua trajetória, bem como os elementos macrocontextuais que influenciaram suas conquistas, lutas, derrotas e estagnações, o que possibilitará entender sua posição no presente e lançar novas diretrizes para o futuro, a fim de (des)critilizar aspectos articulados ou não as outras profissões e para a sociedade. Isto implica que, só tendo conhecimento sobre a nossa trajetória, será possível traçar projeções para o avançar do desenvolvimento da Enfermagem. Para isso faz-se mister que, os aspirantes à profissão conheçam durante o período de formação acadêmica, a História da sua Profissão, o que nos faz recorrer ao pensamento de Olga Church (2006), quando relata que, os alunos que não conhecem o passado da sua profissão não estão, devidamente, preparados para ingressá-la.

Na intenção de historicizar os acontecimentos percorridos pela Enfermagem Brasileira, é necessário aprofundar os conhecimentos sobre ela, no caso em apreço, no que se refere a técnica de bandagem, como um dos cuidados prestados aos enfermos.

Outra justificativa para a realização deste estudo deve-se ao fato da necessidade de se investigar a circularidade do conhecimento, por meio das imagens da técnica de bandagem, que envolve a construção do saber da Enfermagem Brasileira, no sentido de entender de onde veio, para onde foi e vai esse conhecimento, e como ele se propaga no meio da cultura acadêmica.

Numa perspectiva cultural, se recorre a Ruiz e Gonzáles (2011, p. 3), quando relatam que, através da História Cultural a Enfermagem congrega o passado e o presente, o antigo e o moderno, que convergem juntos e, indissociavelmente, para sua essência/objeto, que é o cuidado de Enfermagem. Por isso, há de se rever o passado da profissionalização e refazer o percurso e interfaces, sob diversos olhares para, se tentar compreender os acontecimentos e seus reflexos nos tempos atuais, com vistas para o futuro.

Nesta linha de raciocínio, o presente estudo apresenta sua relevância pelos indícios, vestígio e/ou rastros identificados na obra de Adolpho Possollo para se percorrer o caminho da circularidade cultural das imagens das técnicas de bandagens no olhar para a construção do conhecimento para Enfermagem.

A relevância da circularidade pode ser dita pelo cuidado circulante, por meio da influência francesa e alemã, que ocorreu no início da profissionalização da Enfermagem no Brasil, o que não aconteceu ao acaso.

SEÇÃO 02

OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

Para desenvolver o presente estudo seguiu-se a abordagem da micro-história. Esta se apresenta como um método que se utiliza de vestígios para reconstituir fatos e acontecimentos de uma determinada época passada. De outra maneira, é uma das estratégias de se analisar de forma micro, determinados temas, que por vezes, parecem mais banais.

Isto significa que com esta abordagem é possível e se realiza uma “análise pelos restos, vestígios e discursos”. (Mary Del Priore apud Vainfas, 2002), ou nas palavras de Revel, pela abordagem microhistoriográfica, consegue-se traçar um eixo analítico pelos “itinerários que fazem aparecer à multiplicidade das experiências, a pluralidade de seus contextos de referência, as contradições internas e externas das quais elas são portadoras.” (REVEL, 1998, p.22).

Cabe destacar que ela tem suas raízes na História das Mentalidades (HM), entendida como revolucionária, para sua época (década de 1930). Nascida na França, na primeira metade do século XX e, tendo por fundadores Febvre e Bloch, com publicações, de seus textos inovadores, na recém-criada revista “*Annales d’ Histoire Economique et Sociale*” (GUERIOS e PORTELLA, 2011).

No desenvolver dos movimentos da História, nasce de forma processual a História Cultural (HC) que, segue para se configurar como elemento que compõe este campo como disciplina (VAINFAS, 2002).

A HC traz consigo, a princípio, a rejeição aos conceitos de mentalidades. Contudo, assume algumas características importantes da História das Mentalidades. A finalidade está em uma história “ecclética”, unindo saberes de diversos campos das diversas ciências, com pluralidade de temas e a renúncia à ortodoxia teórica (VAINFAS, 2002, p:32). Sinalizando e explicando o surgimento do novo modelo em se fazer História, Jacques Le Goff e Pierre Nora mencionam que. “a História cultural surge como uma nova história, preocupada com o “nível do cotidiano, do ordinário, dos pequenos [...] ampliada em direção as curiosidades, as quais não precisamos recusar” (LE GOFF e NORA,1974)

Essa tendência teve adesão de historiadores e inserção nas escolas historiográficas francesas. Porém, e por conta disto, foi alvo de críticas por seus opositores, mas foram justamente, as críticas que possibilitaram o seu caminhar, ao se evidenciar seus pontos fracos mais visíveis, o apego ao mental, a pulverização de métodos e abordagens, a narrativa às

temáticas. Por outro lado, isto conduziu ao seu declínio, até que a HC refugiou-se, em “proteção de seus temas e objetos” na Nova História Cultural (NHC) (VAINFAS, 2002).

Na realidade, o que houve foi à reformulação de alguns conceitos, fazendo surgir novo modelo de abordagem. Seus praticantes, na maioria, eram os mesmos da HC. As características básicas da Nova História Cultural são: rejeição ao conceito de mentalidades – originário da HM - aceitam a aproximação com a antropologia, admitem o tempo de longa duração e se interessam por temas das mentalidades e do cotidiano (LEITE, 2011).

Para Vainfas (2002) a NHC pode ser entendida ou percorrida por vertentes distintas, ou seja, liderada por Carlo Guinzburg, Roger Chartier e Edward Thompson. Resumidamente, Guinzburg em seu primeiro ensaio³, ainda, se utilizava e defendia o conceito de mentalidades na tentativa da retomada dos temas enfocados por Febvre e Block. Essa posição foi modificada, logo na obra seguinte, pela inundação dos pensamentos mais voltados para as ações individuais e não para o coletivo (BARROS, 2007 e GUERIOS E PORTELLA, 2011).

Roger Chartier adota a abordagem pelas mentalidades coletivas, admitindo uma estratificação de classes, pelo viés cultural, rebatendo a “tirania social”, por meio do fortalecimento de conceitos de representação e apropriação (VAINFAS, 2002 e LEITE, 2011).

Edward Thompson dedica-se a abordagem mais estruturalista, com a valorização da resistência social e luta de classes, com conteúdo marxista (por formação), em associação com a visão antropológica, enfocando microtemas (VAINFAS, 2002 E LEITE, 2011).

Nesta perspectiva, surge a Micro-história, nascida na Itália em meados da década de 1970, com o objetivo, inicial, de rejeitar e criticar a História das Mentalidades, principalmente, no que diz respeito aos textos teóricos, ou a falta destes (apego a narrativa e psicologização) e ao irracionalismo (VAINFAS, 2002).

Porém, o autor de maior expressão, na micro-história, é o historiador e antropólogo Carlo Guinzburg. Ele iniciou seus estudos na abordagem das mentalidades, mas logo na obra posterior (1976) abandonou o conceito e assumiu o de “Cultura popular”, deixando marcada a antítese entre cultura popular e cultura letrada, assim como o conceito de circularidade cultural (BARROS, 2007 e GUERIOS E PORTELLA, 2011).

³Livro lançado em 1966, quando Guinzburg contribuiu com a terceira geração dos Annales e demonstrou a influência da obra de Febvre. Ele apresentou em seus estudos, em especial, sobre os sabás descritos em processos inquisitórios pela perspectiva do grupo praticante, camponeses do Vilarejo de Friuli. Segundo suas próprias palavras “Estudei nesse livro as atitudes religiosas e, em sentido lato a mentalidade de uma sociedade camponesa – a friuliana – entre o final do século XVI e meados do século XVII, de um ponto de vista extremamente circunscrito: a história de um núcleo de crenças populares que, pouco a pouco, em decorrência de pressões bastante precisas, foram assimiladas à feitiçaria.” (GUINZBURG, 1988)

O passo seguinte no desenvolvimento e fortalecimento dessa tendência foi à coletânea de textos ingleses, franceses, norte americanos e italianos, “*Microstorie*” (1981-1988), sob a direção de Carlo Guinzburg e Geovani Levi. Isto implicou na forma eclética que, se por um lado, fomentou o fortalecimento da história. Por outro lado, ele preocupou-se com maior problematização do objeto de investigação, especialmente, no que tange aos conflitos sociais e as hierarquias (LEITE, 2011).

Dáí entende-se que a Micro-história está inserida em contexto macro que é a Nova História Cultural, possuindo diversas características, devido a interdisciplinaridade, mantendo sempre com foco na visão cultural pelas classes menos favorecidas seja: hierárquica, social, política ou economicamente (VAINFAS, 2002 e BURKE, 2010).

Essa abordagem chega ao Brasil na década de 1980 e tem seu desenvolvimento no final desta, devido a maior quantidade de textos e livros sobre o tema, apesar das polemicas e entendimentos distorcidos sobre ela, em virtude da circulação de livros e textos da Micro-história, História das Mentalidades e Nova História Cultural (VAINFAS, 2002).

Embates teóricos se embasavam em entendimentos distorcidos sobre os modelos associados às críticas dos opositores da NHC, que não encontravam base sólida, como se o sólido no calor não passasse ao estado líquido, o que conduzia a confusão de uma com outra abordagem (VAINFAS, 2002).

José D’Assunção Barros (2007), pelo “olhar micro-historiográfico” cita que é possível se congregarem diferentes aportes teóricos, o que é característica marcante deste método, a pluralidade. Talvez, por conta da possibilidade de poder conversar com vários campos da ciência (BARROS, 2007).

De acordo com Sidney Chalhoub, em suas palavras:

o fundamental em cada história abordada não é descobrir o que realmente se passou ... e sim tentar compreender como se produzem e se explicam as diferentes versões que os diversos agentes sociais envolvidos apresentam para cada caso. (CHALHOUB 1986, p. 22-23)

Nesta lógica racional, é possível perceber como cada grupo/classe vivenciou/interpretou determinado fato/acometimento vivido, não apenas no grupo abordado, mas na sociedade, com suas distintas classes estruturais/sociais/culturais (CHALHOUB, 1986).

Essa é uma das distinções que os micro-historiadores gostam de frisar, a não pretensão em explicar os fatos acontecidos ou a História com conclusões definitivas, mas sim,

interpretá-la diante dos elementos que se apresentam, pela análise das fontes (VAINFAS, 2002).

A análise das fontes se faz como mais um predicado da micro-história e, é ela que permite visualizar, o que até então, estava despercebido, ou é por ela, que se consegue (re)interpretar, o que até então, tinha sido decodificado, por outro campo de visão. Isto ocorre, geralmente, pelo macrocampo, por meio do olhar totalizante, ou seja, das classes hegemônicas, dando conotação abrangente, generalizadora, global (VAINFAS, 2002).

Revel (1998) também, segue nessa linha de reflexão, ao mencionar que, a análise de determinados objetos (de pesquisa), pela lente da micro-história, torna possível a ampliação ou redução do mesmo, de forma que pode se visualizar sob perspectivas antes não propostas.

Isto é possível pela utilização do que se chama “jogo de escalas”. Esta se constitui na redução do campo de visão, delimitando o campo de inserção do objeto estudado (microcampo). Porém, sem deixar de perceber as influências exercidas e sofridas que acontecem em um campo mais amplo (macrocampo), que influi e sofre influências, possibilitando visualizar questões antes não percebidas e, dessa forma, entender e analisar por outro prisma o objeto investigado (LEVI, 1998).

O jogo de escalas é sugerido, pelos autores sobre o tema, principalmente por aqueles com certa influência das escolas italiana e francesa, pois é através desse recurso que é possível aumentar ou diminuir o evento estudado, convertendo os achados em textos sob a forma narrativa, o que tornará a compreensão mais fácil, do que se obteve como resultado encontrado (GUIMARÃES, 2000).

A análise de pequenos pontos ou fragmentos da história, dependendo do que se quer analisar, pode não representar o todo (o macro), mas podem representar o universo que envolve aquele fragmento histórico - indivíduo, acontecimento, evento, sociedade, documento, etc. (GUIMARÃES, 2000), para o presente a técnica das bandagens, como uma das formas de cuidar, com tradição milenar.

Em suas preleções, Burke menciona que esse método de análise, possibilita redefinir “as fronteiras entre cultural e social”, pois aspectos fora do macro-contexto passam a ter relevância. Isto significa que, aquilo que antes era tido como menos importante e até mesmo descartável, historicamente falando, passa a ocupar lugar de destaque pela análise da micro-história (BURKE, 2010).

Outra característica é a que os micro-historiadores chamam de “*from below*”, ou seja, é a análise pela lente das classes menos favorecidas, dos subordinados, pode-se dizer que seria a outra versão dos fatos (LEITE, 2011). O que Burke (2010) relata como sendo a visão por

baixo, ou seja, da classe não dominante. Com o intuito de entender e analisar os mesmos eventos por outra perspectiva, a dos menos favorecidos.

Neste estudo, considerando a condição sócio-cultural do Brasil, à época, seja no campo da Enfermagem como na Medicina, a literatura era advinda do estrangeiro ou nele se ia para apreender para depois (re)aplicar no país. Ou seja, pelo que se sabe até o momento, a obra de Adolpho Possollo não foi a primeira a ser veiculada para a formação das enfermeiras, pois estudos anteriores citam o livro de autoria do médico Getúlio dos Santos - diretor da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira – órgão central - localizado no Rio de Janeiro denominado “Livro do Enfermeiro e da Enfermeira – para uso dos que se destinam à profissão de enfermagem e as pessoas que cuidam de doentes” com a primeira publicação em 1916, o que não reduziu o efeito do livro e as diversas edições atualizadas, inclusive, do autor, que anos antes da publicação, teria feito uma visita ao velho mundo.

Este tipo de abordagem vem sendo cada vez mais discutido, analisado e empregado em diversos trabalhos de cunho histórico, tentando associar as percepções oriundas dos microcontextos com as dos macrocontextos (VAINFAS, 2002).

Apesar de apresentarem características em comum, as obras micro-históricas, devido à pluralidade de opções metodológicas, torna a abordagem adotada por cada historiador, quase que singular, que coaduna com a proposta em apreço. Portanto, para este estudo será adotado o método desenvolvido por Carlo Guinzburg.

Uma das características marcantes das obras de Guinzburg, é a “circularidade cultural”. Pelo termo cultura não se pode negar a dificuldade de classificá-la, por englobar certo conjunto de crenças, atitudes, valores, práticas, tradições, ritos (BURKE, 2010).

O conceito de circularidade defendido por Guinzburg tem sua proposta inicial, com Michael Bakhtin, quando este, retratava a presença da cultura na obra do erudito “Rabelais”. Desta forma, conseguiu visualizar as divergências culturalmente falando, porém, sua preocupação eram as oposições. Guinzburg avançou para o campo das “interpenetrações” possíveis (MELLO e JUNIOR, 2006).

De acordo com Barros (1995), o que Guinzburg declara é que, os elementos culturais não apenas se movimentam entre as classes dentro de uma determinada sociedade, mas consegue extrapolar limites geográficos (BARROS, 1995).

O que Guinzburg faz, é aprimorar cada vez mais este conceito. Na verdade, ele é quem o estabelece, cujo pontapé inicial se faz pela obra “O queijo e os vermes” (1987), dando continuidade e aperfeiçoando-o nos livros e textos posteriores, como por exemplo: em

“História Noturna: decifrando o sabá.” (1989), quando aprofundou os aspectos da circularidade entre as culturas.

Para o historiador, a cultura popular surge em oposição à cultura letrada da classe dominante, indo contra os ideais latentes da época, que defendiam existir níveis claramente delimitados e distintos de culturas, dentro de uma mesma sociedade. Por isso, a necessidade de se trazer (ou revisitar) a questão dos conflitos entre elas e, para isso, ou em decorrência disso, evidenciar a dimensão sociocultural (MELLO e JUNIOR, 2006).

Entendeu-se, neste estudo, como classe dominante de cultura letrada os médicos estrangeiros, mesmo diante da possível corporatividade existente, e o médico brasileiro (Adolpho Possollo) da classe dominada, quando cotejada aos médicos estrangeiros. Por outro lado, no Brasil ele foi considerado como pertencente a cultura letrada, tinha por objetivo instrumentalizar as enfermeiras, a princípio da classe popular – dominada -, em virtude da concepção da época de auxiliar do médico.

Destarte, a circularidade cultural se faz na relação entre a classe popular e a classe dominante. Há trocas entre elas, que se visitam e cada qual faz suas interpretações, a partir de seus “valores e condições de vida”. Em outras palavras, a cultura popular assimila e interpreta, à seu modo, os elementos da cultura dominante e vice-versa. Isto implica que, os mesmos elementos tramitam em uma e outra cultura porém, com significação diferenciada em cada uma (MELLO e JUNIOR, 2006).

Para Guinzburg (1987), o ponto chave para a circularidade cultural foi à invenção da imprensa, pois possibilitou a movimentação das informações, antes retidas a um pequeno grupo, permitiu outras formas de interpretação e diminuiu o poder controlador daqueles que eram seus os detentores (classe dominante, letrada, erudita) sobre aqueles que, até então, não tinham acesso a elas (classe popular, subalterna, iletrada). De acordo com Melo e Júnior (2006, p:144), “a invenção da imprensa foi a grande responsável pela circularidade de cultura na medida em que permite uma real socialização da palavra, rompendo com o monopólio entre cultura escrita e poderosos”, que nas palavras de Guinzburg:

a invenção do alfabeto - que cerca de quinze séculos antes de Cristo quebrou pela primeira vez esse monopólio - não foi suficiente, contudo, para pôr a palavra à disposição de todos. Somente a imprensa tornou mais concreta essa possibilidade. ... A idéia de cultura como privilégio fora gravemente ferida (com certeza não eliminada) pela invenção da imprensa (GINZBURG, 1987, p.128-129).

Contudo, a invenção da imprensa, também pode ser vista como um aliado na dominação das classes submissas, pois por este poder de comunicação, pôde se manipular as informações e, conseqüentemente, inculcar o que for mais favorável à manutenção de determinados indivíduos sob o jugo de outros ou, da mesma forma, sobrepor e reafirmar a supremacia de outros sobre uns, nas palavras de Melo e Junior:

A invenção da imprensa foi a grande responsável pela circularidade de cultura na medida em que permite uma real socialização da palavra, rompendo com o monopólio entre cultura escrita e poderosos, pelo menos é essa a minha leitura de Ginzburg (MELLO e JUNIOR, 2006, p.144).

Corroborando com o exposto acima, a historiadora, que também se utiliza da micro-história em seus trabalhos é Natalie Davis (1990). Ela faz a leitura sobre as opiniões de Guinzburg a respeito da imprensa, nas seguintes palavras:

o paradoxo central do impacto da palavra impressa sobre o povo. Por um lado, ela podia destruir monopólios tradicionais de conhecimento e autoria, vendendo e disseminando amplamente tanto informação quanto trabalhos de criação. Ela pôde, também, criar uma nova relação entre o autor e a audiência anônima. Mas a palavra impressa também tornou possível o estabelecimento de novas formas de controle sobre o pensamento popular (DAVIS, 1990, p. 184).

Porém, não se pode dizer que a circularidade tenha surgido com a criação da imprensa. Por outro, não se pode negar que ela deu impulso sobremaneira neste aspecto, ao tornar as informações e seus elementos mais disponíveis aos indivíduos. Com efeito, ao se analisar as obras de Ticiano e, se pautando nas idéias do teólogo Politi que diz que, as imagens têm como característica intrínseca a estimulação dos sentidos e dos pensamentos de seus observadores. Isto possibilita interpretações diversas das informações contidas nelas, de acordo com o repertório cultural que carregam. Dito de outra maneira, na obra de Melo e Júnior:

Ginzburg afirma que era através das imagens que se travava a relação circular entre culturas diferenciadas. “Acima de tudo havia a consciência, cada vez mais nítida, da função decisa das imagens, ‘idiotarumlibri’ (livro dos ignorantes), numa propaganda voltada as massas compostas predominantemente de iletrados. (MELLO e JUNIOR, 2006, p.147)

Voltando as obras de Ticiano, Guinzburg (1989) desestrutura a tese de Panofsky de que seria Ovídio, um erudito, sua fonte inspiradora. Para tal destacou três pontos de observação, sobre o pintor italiano:

- 1) que Ticiano não sabia latim; 2) que ele lia as metamorfoses exclusivamente nas vulgarizações; 3) que suas inovações em relação à tradição iconográfica se remetem às vulgarizações e não ao texto ovidiano (GUINZBURG, 1989, p.127).

Para Guinzburg (1989, p:137) o conteúdo colhido por Ticiano, sobre a obra Ovidiana Metamorfoses, ele passou por “uma dupla, talvez tripla, mediação (Giovanni Del Virgilio–Giovanni Bonsignori - Nicolòdegli Agostini). Isto significa que, as informações que chegavam à Ticiano, trataram-se de reinterpretações da obra original, as quais foram (re)reinterpretadas pelo próprio, que, de acordo com o que captou dessas vulgarizações, como chama Guinzburg, transportou-as para suas pinturas. Desta forma, ele apontou que os elementos culturais, eruditos e populares, circulavam entre as distintas classes (MELLO e JUNIOR, 2006).

Com isso, Guinzburg sustenta a teoria de que as imagens também são ferramentas utilizadas na questão da circularidade cultural, juntamente com as produções textuais. Não divergentes e tão pouco isoladamente, mais uma em auxílio à outra, como que reforçando seus conteúdos, que podem transitar pelos campos da literatura e pictografia, resguardando as peculiaridades de cada campo. Isto conduziu aos autores Melo e Júnior (2006, p:147) entenderem que se “vê na imagem um elemento que colaborará ainda mais com a palavra impressa para o intercâmbio entre culturas”.

Nesta perspectiva, o presente estudo se pautou, seguindo as imagens veiculadas nas edições das obras “Curso de Enfermeiros” de autoria de Adolpho Possollo, nos capítulos sobre as técnicas de bandagens.

2.1 – Fontes Históricas

Por fontes históricas entendeu-se, pela proposta de José D’Assunção Barros (2012) que são elas, os componentes que possibilitam trazer à reflexão acontecimentos do passado, tanto

pelos objetos materiais (documentos, rastros, vestígios, obras literárias, etc), quanto pelas questões imateriais (como as representações e práticas), que torne possível conjecturar sobre o passado dos homens sobre fonte histórica, a saber:

tudo aquilo que, produzido pelo homem ou trazendo vestígios de sua interferência, pode nos proporcionar um acesso a compreensão do passado humano... encarando também as fontes como discursos a serem analisados ou redes de práticas e representações a serem entendidas. (BARROS, 2012, p.34)

Completando a definição proposta por BARROS, SAVIANI relata que:

As fontes estão na origem, constitui o ponto de partida, a base, o ponto de apoio da construção historiográfica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado. Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos, são a fonte do nosso conhecimento histórico, isto é, é delas que brota, e nelas que se apoia o conhecimento que produzimos a respeito da história. (SAVIANI, 2004, p. 5-6).

Entende-se, portanto, que as fontes são os instrumentos e o caminho que faz com que o historiador/pesquisador construa seu conhecimento acerca do objeto de estudo a que se propõe. Isto é, são através da análise das fontes, ou melhor, das informações contidas nelas, que se inicia o processo de construção da história. E entendimento compartilhado inclusive por Ragazinne, quando este menciona que:

a fonte é uma construção do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e em uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica. Por outro lado, a fonte é o único contato possível com o passado que permite formas de verificação. Está inscrita em uma operação teórica produzida no presente, relacionada a projetos interpretativos que visam confirmar, contestar ou aprofundar o conhecimento histórico acumulado. A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados sobre o passado. (RAGAZINNE, 2001, p. 14).

Atualmente, as correntes de historiadores admitem que, todo material produzido ou que, tenha sofrido qualquer intervenção humana, pode ser entendido como fonte histórica

(BARROS, 2012). Isto implicou na formulação de critérios, o que delimitou o conjunto delas que foram agrupadas e analisadas, formando o chamado *corpus documental*.

Para tanto, se seguiu a premissa de BARROS (2012), ao apontar que é importante inserir a fonte em um contexto para que se possa situá-la, auxiliando na interpretação e análise, considerando-a como parte integrante da história. Assim como os acontecimentos que, lhes são contemporâneos, anteriores ou sucessores, de aderência ao objeto de estudo.

Nesta perspectiva, se teve por fontes históricas:

- Livro “Curso de Enfermeiros”, de Adolpho Possollo, com cinco edições originais (1930, 1936 1942, 1944 e 1948) e cópias dos originais de outras duas edições (1920,1939)
- Documentos originais da vida acadêmica e profissional de Adolpho Possolo
- Livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”, de autoria de I. F. Guillemin, 1875 (e-book)
- Livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”, de autoria de Goffres, 1838. (e-book)

Outra informação sobre a operação histórica seguida neste estudo, trata-se do eixo condutor, ou seja, as imagens sobre as técnicas de bandagens, da obra “Curso de Enfermeiros” de Adolpho Possollo, que pela perspectiva do conceito de circularidade foi articulada a outras das obras “*Les bandages et les appareils à fractures*” de autoria de I. F. Guillemin (1875); “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”, de autoria de Joseph Marie Achille Goffres (1838). Assim, se compôs o *corpus documental* de forma articulada pelas teses e artigos científicos que versavam sobre a trajetória da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE) e Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (EPEAP), no sentido de circunscrever o objeto de estudo.

A busca das fontes para o estudo ocorreu na Biblioteca Nacional, Biblioteca Setorial da UNIRIO da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Biblioteca e Arquivo Geral da Academia Nacional de Medicina, Arquivo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro, da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Arquivo Escola de Medicina da UFRJ, acervo particular do professor Pof. Drº Fernando Porto, bem como em sítios eletrônicos.

Os resultados parciais do estudo foram submetidos à apreciação dos componentes do grupo de pesquisas do Laboratório de História do Cuidado e Imagem em Enfermagem (Lacuiden), para que fosse possível a contribuição sobre os achados.

SEÇÃO 3

MANUAIS, ADOLPHO POSSOLLO E A ESCOLA DE ENFERMEIRAS ALFREDO PINTO

Esta seção tem por finalidade discorrer, sucintamente, sobre os manuais de ensino destinados à Enfermagem com base em estudos nacionais e internacionais; além de apresentar alguns dados biográficos de Adolpho Possollo, autor da obra intitulada “Curso de Enfermeiros” e a discussão sobre a influência teórica e assistência praticada na Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro ensinada as alunas da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, como desdobramento da Escola profissional de Enfermeiros e Enfermeiras.

3.1 – Manuais de Enfermagem

Os manuais, no meio acadêmico, não são encarados como meros instrumentos de apoio didático, mas sim, como peças fundamentais para o desenvolvimento das ações de ensino, utilizadas, tanto no passado, como atualmente. Eles podem empregar ações diferentes, mas segue por aproximação certo modelo didático, o da “objetivação do trabalho” (KLEIN, 2000).

O ensino didático, no modelo de objetivação do trabalho, segue o pensamento do modelo econômico – na transição do modelo feudal para o burguês - que transfere para o objeto (algo inanimado), o poder de realizar, seja em parte ou no todo. È a partir dessa aproximação, que o modelo que surge denominado como manual, que se configura no objeto, no qual será assentado determinado conteúdo, que a princípio pertencia, apenas aos preceptores/educadores e, a partir daquele e por aquele, passou a ser transmitido a quem o manipular, sem necessitar de forma cogente, da presença do preceptor (KLEIN, 2000).

Por conter quantidade significativa de conhecimentos, ele tem por característica ser dividido em mais de um volume, sua elaboração segue certa rigidez na estruturação, elegendo a forma de resumo como a característica principal, deixando a cargo de cada autor as estratégias de apresentação que utilizarão para expor o conteúdo. Isto implica em, terem conhecimentos em níveis de complexidade diferentes, podendo ir dos assuntos dos mais simples aos complexos e específicos, destinados a públicos distintos, com diferentes níveis de conhecimento (KLEIN, 2000).

De acordo com Maria Izabel Soares, o termo manual é empregado para identificar uma obra que apresenta em seu conteúdo “as noções, os conhecimentos, os processos de uma disciplina ou de uma técnica.” (SOARES, 2002).

Como não poderia deixar de ser a Enfermagem, também, se utilizou/utiliza dos manuais para se apropriar de conhecimentos alheios, para desenvolver os seus próprios e sua transmissão.

Os primeiros manuais sobre práticas de Enfermagem surgem, inicialmente, atrelados a questão religiosa. Dito de outra maneira, eles eram elaborados por religiosos que incluíam, em seus conteúdos, não apenas alguns cuidados aos enfermos, mas condutas morais que cabiam aos “enfermeiros” (SOARES, 2002).

Mediante a assertiva da inclusão das condutas morais pelos religiosos nos manuais, não se deve esquecer que, a Enfermagem, naquela época, estava atrelada a crença religiosa, como uma das formas de expiação dos pecados e indulto para a ascensão ao reino dos céus. Contudo, a preocupação em instruir aqueles que exerciam os cuidados, aparecem desde muito tempo. Isto implica no sentido de exercerem os cuidados, eles teriam que garantir a assistência mais adequada possível aos que se submetiam aos seus préstimos (OGUISSO, 2007 e GEOVAVINI, 1995).

Nesta perspectiva, foram identificados alguns manuais de origem estrangeira, dentre eles, pode-se citar dois de origem espanhola. O primeiro intitulado “*Instrucción de enfermeros*” de autoria de Andrés Fernández (Madrid, em 1617), e o “*Directorio de enfermeros*” de Simón López (1651), ambos os autores eram religiosos e pertenciam, respectivamente, as Ordens dos *Hermanos Obregones*, congregação fundada por Bernardino Obregón (1540-1599), e a Ordem Hospitaleira de São João de Deus (SOARES, 2002).

Além desses, tem-se os manuais portugueses denominados: português denominado “Luz da Medicina, Pratica Racional e methodica, Guia de Enfermeiros. Directório de Iniciantes.” (1664) de autoria do Drº Francisco Morato Roma, formado em filosofia e medicina, sendo o médico de D. João VI e da Câmara Real Portuguesa. Seu livro tinha aceitação em Lisboa e Coimbra. Destinava-se ao público em geral e, como o próprio autor menciona, se constitui no “resumo das doutrinas de Hipócrates, Galeno, Avicena e outros”. Apesar do livro se destinar ao público em geral e, talvez por conta disso, o autor não tenha deixado de exacerbar o valor e a preeminência do médico (SOARES, 2002).

Outros manuais foram identificados, a saber: “Postilla Religiosa e arte de los enfermeros” (1741), do Frei Diogo de Santiago e; “Instrução de Enfermeiros e consolação dos afligidos enfermos. Verdadeira prática de como se deve aplicar os remédio que os

médicos ordenam. Muito necessário para que os enfermos sejam bem curados e proveitosa para os estudantes da medicina” (1747), de autor não mencionado, cabendo o registro que ele foi confeccionado na oficina de Francisco da Silva. Muitos desses manuais ganharam prestígio e foram utilizados para além dos limites territoriais de onde nasceram. Isto é possível de comprovar pelos dados da CIRCULARIDADE DAS IMAGENS encontrados em bibliotecas de diversos países, como, por exemplo, as anotações nos livros de Enfermagem, no período de 1664 e 1942 de autoria do Dr. Costa Sacadura Diretor da Escola de Enfermagem Arthur Ravara, em Portugal (SOARES, 2002).

Como o presente estudo tem por temática as técnicas da bandagem, durante busca ativa identificou-se a presença de alguns manuais de Enfermagem, que abordavam o tema, em períodos diferenciados na linha do tempo. Para melhor exemplificar foram identificados, neste processo, 21 manuais, de 1664 a 1903.

Destes, como base no sumário feito, foi possível identificar a descrição do uso da bandagem nas 21 obras, dando origem ao quadro demonstrativo n.1, a seguir.

QUADRO 1- Relação de Manuais que Referem o Uso de Bandagens como Cuidado

Portugal	Espanha	França
“Luz da Medicina, Pratica Racional e methodica, Guia de Enfermeiros. Directório de Iniciantes” (1664)	“Instrucción de enfermeros” (1617)	“Traité méthodique des bandages” (1671)
“Postilla Religiosa e arte de los enfermeiros” (1741)	“Directorio de enfermeros” (1651)	“Précis iconographique de bandages, passéments et appareils” (1866)
“Manual para o Curso de Enfermeiros” (1896)	“Estudios privados para Título de Ministrantes” (1846)	“Les bandeges et les appareils à fracture” (1875)
“Tratamento dos doentes em casa e no hospital. Manual para famílias e enfermeiras” (1903)	“Manual del Sangrador” (1847)	“Maneul Pratique de La Garde-Malade et de L’infirmière” (1903)
“O livro da Enfermeira. Guia de primeiros socorros em casa, nos hospitais e na guerra” (1910)	“Guía teórico-práctica del sangrador, dentista y callista” (1848)	_____
_____	“Nuevo manual del sangrador” (1849)	_____
_____	“Compendio de Flebotomía” (1851)	_____
_____	“Títulos de Praticante: Materias Práticas” (1860)	_____

Cont. Quadro n. 1

_____	“Carrera de practicantes” (Vallery, 1916)	_____
_____	“Curso teorico de la dama Enfermera” (Catalán, 1920)	_____
_____	“Títulos de practicantes: Materias Teórico- Práticas” (1861)	_____

Há que se ressaltar que os títulos apresentados no quadro demonstrativo n. 1 não se configuram como o total de manuais para o período, mas servem de exemplificação da importância dessa temática no cuidado aos enfermos.

No Brasil, tem-se informações de manuais que datam da época de 1916 e alguns outros que se seguem ao longo dos anos, mas não se tem informações sobre livros utilizados para o ensino da Enfermagem ou dos cuidados de Enfermagem, anteriores aos apresentados no quadro demonstrativo n.2.

QUADRO 2 – Relação de alguns manuais para o ensino da Enfermagem publicados no Brasil

Ano	Manuais publicados no Brasil até 1950
1916/1918 1928	“Livro do Enfermeiro e da Enfermeira – para uso dos que se destinam à profissão de enfermagem e as pessoas que cuidam de doentes”;
1920/1930/1932/ 1936/1939/1942/ 1944/1948	“Curso de Enfermeiro”; Possollo, A.
	“Curso de Enfermeiro Psiquiatrico”, Possollo A.
1930	“Breviário das mães e enfermeiras – noções de higiene natal e infantil”;
1933	“Livro de técnicas de enfermagem da Escola de Enfermeiras Anna Nery do DNSP”; Vidal, Z.
1938	“Técnica de Atadura”
1941	“Técnica de Enfermagem – bandagens”;
1947	“Manual de ataduras para médicos, estudantes e enfermeiras

À exemplo do restante do mundo, no Brasil, os manuais eram elaborados e empregados na transmissão de saberes, ainda que, não fosse para a formação profissional.

Dentre eles destacam-se o elaborado por Drº Getúlio dos Santos, cujas edições datam de 1916/1918/1928. Esta obra nem pode ser considerada como o, possível primeiro livro

brasileiro para o ensino profissional da enfermagem, tendo em vista o próprio título, “Livro do Enfermeiro e da Enfermeira – para uso dos que se destinam à profissão de enfermagem e as pessoas que cuidam de doentes”, apesar de na época de sua publicação, existirem cursos para a formação profissional de Enfermeiros.

Além disso, o autor era Diretor Médico do Curso de Enfermeiras da Cruz Vermelha. Portanto, acredita-se que a obra possa ter sido utilizada como instrumento didático e como se verá mais adiante serviu de referencial científico, na construção do livro de Adolpho Possollo intitulado “Curso de Enfermeiros”, sendo incluído em sua bibliografia (ESPIRITO SANTO, 2012 e POSSOLO, 1920).

3.2 – Adolpho Possollo

As informações sobre dados pessoais de Adolpho Possollo não foram fácil de serem achados, apesar de certa lógica para a busca, teve-se por opção o rastreamento ativo pelo viés do nascedouro de sua formação médica, pela Faculdade de Medicina do atualmente pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

No arquivo dessa Instituição de Ensino foi possível se obter alguns dados, dentre eles, que Adolpho Possollo nasceu em de 18 de Maio de 1869, na cidade do Rio de Janeiro, filho de Eduardo Raphael Possollo⁴, funcionário da alfândega no Rio de Janeiro.

Possollo foi aluno do Colégio Pedro II, onde se preparou para o ingresso na Faculdade de Medicina e aprendeu as línguas estrangeiras: inglês, francês e latim. De acordo com a documentação do acervo da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ele iniciou seus estudos na instituição em 1886, aos 17 anos de idade. Formando-se em 1892, com 23 anos de idade, tendo como coroamento do curso a defesa da tese de doutoramento intitulada “Estudo clínico das fracturas expostas”, com publicação e edições esgotadas.

Pode-se aludir que seu gosto pela produção de textos na área da saúde, iniciou-se na academia. Como pode ser observado pela publicação do trabalho intitulado “Inclusão intestinal”, veiculado na Revista do Grêmio dos Internos (1891), que pode ser encontrado como referencia no livro “Curso de Enfermeiros” (POSSOLLO, 1942).

Ademais, neste mesmo acervo, da Faculdade de Medicina, foi possível se localizar a averbação do seu retorno à Instituição, em 1911, concorrendo à cadeira de Livre Docência em

⁴ O nome da mãe não foi possível ser identificado

Clínica Cirúrgica, quando elaborou a tese denominada “Tratamento cirúrgico do estreitamento da uretra no homem”. Em 1914, retornou para concorrer à cadeira de Patologia Cirúrgica, apresentando para tal, o estudo intitulado “Medicação animal em cirurgia”, outra referência encontrada como citação na obra “Curso de Enfermeiros” (POSSOLLO, 1944).

Outros dados de interesse na construção da trajetória de Adolpho Possollo foram localizados na parte da apresentação da obra “Curso de Enfermeiros” em todas as suas edições que, se referem, a saber: Associação do Comércio do Rio de Janeiro, onde atuou como médico cirurgião; Regimento de Polícia do Estado do Rio de Janeiro; Ambulatório Rivadávia Correa, como Chefe do Serviço de Cirurgia e; na Colônia de Psicopatas de Vargem Alegre, como primeiro cirurgião e, posteriormente, como Diretor.

Pelo o que se pode identificar nos documentos consultados, Possollo teve carreira profissional de luta em prol do desenvolvimento da Enfermagem, mas, por outro lado, ainda, pouco reconhecido. Alguns estudos⁵ reconhecem a baixa visibilidade e por consequência, a possível (in)visibilidade, justificando a possibilidade de desafeto e/ou comportamento na prática no campo da saúde, apesar da sua produção intelectual .

Como exemplo do exposto, se destaca o fato ocorrido na Academia Nacional de Medicina (ANM), quando Possollo se candidatou a membro da ANM com estudo intitulado “Ectopia de testículo” (1909). Em consulta ao acervo da ANM foi possível encontrar dossiê sobre o ocorrido, citando que, devido a divergências, sem a exposição dos motivos, o candidato entregou ao presidente da banca avaliadora, juntamente, com o trabalho inscrito, carta abdicando de sua candidatura a membro da ANM.

Para tanto, sabe-se, conforme registro em documento que o presidente da banca avaliadora, sem querer prolongar a discussão sobre o ocorrido e, provavelmente, não querendo reforçar os argumentos do candidato Possollo, acatou seu pedido sem questionamentos ou comentários, dando por encerrado o processo avaliador.

Faz-se para esta atitude algumas inferências, considerando que a ANM era um órgão expoente da Medicina Nacional e que possuía entre seus integrantes, certa gama considerável de médicos de influência política à época. Neste sentido, uma ruptura com esta instituição poderia significar uma segregação profissional, talvez, até mesmo um desprezo neste sentido. A ANM era o órgão de representação máxima da classe médica, consultor pelas forças governamentais e lançador de inúmeras ordenações que influenciavam as políticas de saúde.

⁵ Para se saber mais, recomenda-se a leitura da Tese de doutorado “Os ritos institucionais e a imagem pública da enfermeira Brasileira na imprensa ilustrada: o poder simbólico no click fotográfico (1919-1925).” (2007) e o primeiro capítulo do livro “História da Enfermagem brasileira: lutas, ritos e emblemas” (2007).

Sendo assim, pode-se supor, que pelo o que se pôde identificar na documentação consultada, que Adolpho Possollo era um homem que não cedia facilmente a determinadas situações e, não temia sua exposição, mesmo que isso significasse prejuízo em sua carreira profissional. Talvez, seja este um dos motivos que explicaria as dificuldades em se obter informações sobre ele, sejam elas pessoais ou profissionais.

Contudo, sua contribuição, em termos de produção intelectual para o campo da saúde e, em especial para a Enfermagem, merece destaque como objeto de estudo. Para melhor visualização do conjunto das produções acadêmicas, elaborou-se um quadro demonstrativo, contendo, possivelmente, algumas de suas obras publicadas e outras informações sobre as mesmas, que encontrasse em anexo.

3.3 – Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto – Seção Feminina

A criação da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto se configurou como um dos pontos de partida para este estudo. Vale ressaltar que, como a abordagem se faz pelos ensaios micro-históricos, é permitido ir e vir no tempo, ampliar e reduzir o campo de visão, para um melhor entendimento das circunstâncias que levaram ao fato do desdobramento da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras em Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto – seção feminina.

Até a década de 1920, as iniciativas em torno do ensino profissional da Enfermagem, não eram tão ínfimas assim. De acordo com a pesquisadora e historiadora Maria Lúcia Mott, até aquele momento, no Rio de Janeiro, havia três Instituições com esta finalidade: a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras – EPEE - (1890); o Curso Profissional de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (1916) e o Curso de Enfermeiras da Policlínica de Botafogo (1917), seguindo a linha de pensamento desta pesquisadora foi possível identificar outro estudo denominado– Escola e Cursos de Enfermagem na História da profissão no Brasil (1890 – 1922) (PORTO e AMORIM, 2010), que cita outras iniciativas materializadas ou não, a saber: Curso de Voluntárias da Cruz Vermelha em 1914, Curso profissionalizante de Enfermeiras da CVB em 1916,

É válido observar que pelo crescimento das Instituições de Ensino, materializadas ou não, é possível se construir a assertiva que, havia interesse na profissionalização da Enfermagem, no período de 1890- 1923. Isto pode ser explicado no sentido possível da I Guerra Mundial (1914 – 1918), com participação do Brasil em 1917, a gripe espanhola ocorrida no pós-guerra e, pela crise na saúde pública (PORTO e AMORIM, 2010).

O quadro da saúde pública nacional impingia a necessidade de assistência melhor, o que teria por efeito a condução ao serviço hospitalar, pois alguns relatos mencionam a situação do atendimento à população, revelando como quadro de grandes dificuldades na assistência de Enfermagem, fosse em relação ao quantitativo, insuficiente, quanto à capacidade técnica de quem prestava a assistência (PORTO, 2007).

Foi nesse momento de turbulências na saúde pública do país, que ocorreu a criação da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, em 1920. Ela teve por empenho profissional a insistência do alienista Gustavo Ridel - Diretor da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro – mediante apoio de seu mentor Juliano Moreira - Diretor do Hospital Nacional de Alienados (HNA) (PORTO, 2007).

Conforme consta nos Annaes da Colônia (1936, p:163), a criação da seção feminina tinha por objetivos: “concorrer para a eliminação completa da empregada analphabeta e a valorização nacional para a prática da enfermagem”, por meio de um ensino, com embasamento técnico suficiente para formar profissionais capazes de atuar nos hospitais civis e militares, bem como nos hospícios.

Riedel com o seu conhecimento político e esforço em materializar o seu ideal, conseguiu seu intento ao instituir a Escola para formação de enfermeiras. Neste sentido, encontrou lacuna e soube articular, politicamente com base no Decreto 791/1890, a criação de uma portaria, sancionada em setembro de 1921, pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello (PORTO, 2007; ESPIRITO SANTO, 2012).

No primeiro artigo desta portaria, denominada “Regimento Interno da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras” se estabeleceu o desdobramento da EPEE, em três seções, determinando, inclusive, os locais onde deveriam funcionar, da seguinte forma: seção masculina na Colônia de Alienados, a mista no Hospital Nacional de Alienados e a feminina na Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro. Além dessa reestruturação, propôs mudanças no conteúdo programático e no processo admissional das alunas (MOREIRA, 2003; PORTO, 2007).

Até o momento não se tem informações sobre o desenvolvimento da seção masculina. Contudo, sabe-se que, as seções, mista e feminina conseguiram êxito na proposta de ensino.

Para fins desse estudo, se fez necessário se deter à seção feminina. Inicialmente denominada desta forma, quando da criação do Regimento Interno, mas ao passo que este foi sancionado, no final de 1921, em homenagem ao Ministro Alfredo Pinto, esta seção passou a denominar Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (MOREIRA, 2003 e PORTO, 2007).

O Regimento Interno (R I) dava outras determinações, além do desdobramento da EPEE, como, por exemplo: mudanças sensíveis, na estrutura curricular, maiores exigências no exame admissional, alteração da idade mínima para o ingresso na Escola.

No que se refere ao conteúdo didático, houve apenas certa mudança da nomenclatura, talvez com a pretensão de uma abordagem mais científica e prática. Outras se unificaram, provavelmente, para a inserção de novos conteúdos, talvez com o intuito de melhor aproveitamento do avanço pretendido no Ambulatório Rivadavia Corrêa, onde seria realizado ensino prático da seção feminina (ESPIRITO SANTO, 2012).

Além das modificações na estrutura curricular, houve mudanças nos requisitos mínimos para o ingresso do candidato à Escola, sendo eles: mudança da idade mínima para ingresso na escola, de 18 anos para 14 anos; a necessidade de apresentação de comprovante de vacinação e; não ser portadora de doenças contagiosas (MOREIRA, 2003).

Essas modificações atendiam a propósitos bem definidos, como o aspecto da diminuição da idade mínima de 18 anos para 14 anos, quando se pode entender a preocupação em formar profissionais mais novos e, também, pelo fato de que quanto antes o aluno se defronta com as situações do ensino, mais fácil e rapidamente ele apreende os conteúdos aplicados (MOREIRA, 2003 ESPIRITO SANTO, 2012).

A obrigatoriedade de vacinação e ausência de doenças contagiosas demonstra certa preocupação, por parte dos órgãos governamentais, com os aspectos da saúde pública, no sentido de oportunizar “ascensão social” àqueles(as) com melhores condições de saúde (ESPIRITO SANTO, 2012).

As aulas eram ministradas não só nas dependências da Colônia de Alienadas e Ambulatório Rivadavia Corrêa, mas, também, em outras instituições, a título de visitas (com a presença de professores) em procedimentos cirúrgicos. A teoria se aplicava de duas a três vezes por semana, sendo que, a prática era ministrada diariamente, ao tempo que se fizesse necessária (ESPIRITO SANTO, 2012).

Quanto ao conteúdo disciplinar ministrado, não há muito o que questionar. Montado por alienistas, desde a EPEE, se manteve praticamente o mesmo, de acordo com as normas do R.I.

SEÇÃO 4

IMAGENS SOBRE A TÉCNICA DE BANDAGENS NA OBRA CURSO PARA ENFERMEIROS, DE ADOLPHO POSSOLLO

O livro “Curso para Enfermeiros” foi elaborado, segundo o próprio autor, com o intuito de subsidiar e substanciar o ensino na seção feminina intitulada Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto o que foi intencionado explicitar logo na apresentação do livro, podendo ser identificado pelo relato:

Querendo concorrer com nosso esforço para o ensino técnico da enfermeira e do enfermeiro patricios, organizamos o presente livro. Seguimos a orientação do programa oficial estabelecido. (POSSOLLO, 1920, p. IX)

O excerto aponta a intencionalidade do uso, mas não se pode, por outro lado, afirmar que tenha sido de forma exclusiva, pois no mercado do livro, outras obras eram veiculadas e, em especial, na língua portuguesa, bem como é o que relata o autor, mas aqui não se teve a pretensão de investigar o dito, pois, para isto, seria necessário outro estudo. Desta forma, o que interessa para esta seção é descrever de forma geral o livro e analisar o capítulo e as imagens sobre as técnicas de bandagem que se encontram na próxima seção para se discutir a circularidade delas.

4.1 – O Livro “CURSO PARA ENFERMEIROS”

O livro “Curso de Enfermeiros” teve seu lançamento divulgado pela imprensa, com registro noticioso da Revista Brasil Médico (1920), tendo sua primeira publicação em 1920, além dessa, houve mais seis edições, a saber: 1930, 1936, 1939, 1942, 1944 e 1948 (totalizando de sete edições), que mesmo com a concorrência de outros livros para os Enfermeiros, a(s) editora(s) continuavam a manter o interesse na publicação de mais edições, mesmo que se pense na possibilidade do mesmo custear sua própria obra. Para se ter certa ideia da circulação da obra, foi possível se encontrá-la a obra na biblioteca da Escola de Enfermeiros de Coimbra – Portugal (RODRIGUES et al, 2008)

No total de sete edições, algumas com publicações esgotadas, não se pode dizer que foram meras fontes de consulta ou simples ou ferramentas para o ensino, possuíam conteúdo de interesse, que merecia ser veiculado com destaque para a profissionalização da Enfermagem. Prova disso, foi que a viagem que culminou no relatório “Uma viagem à Europa” foi solicitada a Adolpho Possollo foi custeada pela Associação dos Funcionários do Comércio. Instituição considerada de prestígio e poder na Capital Rio de Janeiro, à época, bem como nos dias atuais, com mais de um século de existência, permanecendo atuante na área do comércio no Rio de Janeiro, com sua localização na Avenida Rio Branco, centro financeiro e comercial da cidade.

Para a elaboração da obra “Curso de Enfermeiros”, Adolpho Possollo buscou inspiração e respaldo científico em inúmeros autores, de nacionalidades variadas. Como observado no quadro demonstrativo n.3 onde se pode visualizar a distribuição geográfica do conhecimento contido na obra.

QUADRO .3 - Idiomas Identificados e suas Respectivas Frequências

Idiomas	Quantidade de Referências
Francês	31
Inglês	03
Alemão	02
Espanhol (Argentina)	01
Português (Brasil)	01

Fonte: Dissertação - Enfermeiras francesas na capital do Brasil (1890 – 1895).

Constata-se que boa parte das fontes utilizadas por Possollo são de origem francesa, o que leva a crer que tenha sido influenciado pelo modelo francês do cuidado prestado na reabilitação à saúde, como possível inspiração/fonte/respaldo.

Por outro lado, isto causa certa estranheza, considerando as críticas realizadas no seu relatório sobre a qualidade das enfermeiras francesas na prestação dos serviços nos hospitais visitados, quando de sua viagem à Europa. Isto, provavelmente, não significou uma reprovação, por sua parte do aspecto teórico/conceitual, talvez tenha sido uma constatação de que a prática francesa, tanto no ensino como na assistência, não condiziam com sua teoria. Por outro lado, não se pode negar os elogios traçados as enfermeiras germânicas, inclusive

com relevo de excelência. Depreende-se para o momento que, apesar das críticas as francesas, ele acreditava na sua assistência.

Pode-se inferir que Possollo mesmo ao verificar que a prática das enfermeiras francesas, não era nada adequada e com qualidade muito reduzida, como ele mesmo descreveu em seu relatório “Uma viagem a Europa”, não se furtou em exaltar e incentivar as principais características desta influência adotada pela Escola de Salpêtrière, sem, no entanto, referir-se direta ou especificamente, a ela ou a de qualquer outra Escola.

A fim de deliberadamente de tentar influenciar na criação de um modelo de Enfermagem Brasileiro, ele apropria-se de certos elementos culturais franceses, determinando assim, a forma na qual deveria se enquadrar a Enfermagem Brasileira.

Para tanto, se recorre a Guinzburg ao citar que, trata-se de uma tentativa de dominação de uma classe sobre outra, da qual concorda Roger Chartier, ao citar que as representações são assentadas de acordo com o interesse dos grupos que as fomentam (CHARTIER, 1990).

4.2 – A Organização do Capítulo “CURATIVO E PEQUENAS CIRURGIAS”

O capítulo “Curativos e pequenas cirurgias” é constituinte da primeira parte da obra em apreço. Vale ressaltar que à medida que as edições eram veiculadas, alguns capítulos sofriam alterações e outros eram acrescidos. Estas não foram consideradas de relevância no que se refere ao conteúdo como todo, mas alterava a paginação.

O capítulo inteiro possui, em média, setenta páginas e cento e vinte seis imagens. Das quais, dez páginas e trinta e nove imagens são referentes à bandagem.

Cabe ressaltar que a utilização de termos medianos para especificar as quantidades de páginas e imagens se deu pelo fato de que, a cada nova edição veiculada, ocorriam alterações, que em uma análise geral não ocasionaram grandes alterações de informação no conteúdo do capítulo, aqui investigado. Até porque, as imagens apresentadas, nas sete edições, foram analisadas e computadas.

Observa-se que a sequência das apresentações, tanto na parte textual, quanto nas imagens foram por certo descoordenadas. Ela começa com um tópico, passa ao seguinte e depois retorna ao anterior.

A descrição das bandagens começa após o tópico irrigação vesical, iniciando por breve explicação do que são ataduras, que em certa analogia com os textos antigos- as faixas

(material com o qual se pode realizar as bandagens), abordando alguns materiais dos quais podem ser confeccionadas, bem como as possibilidades para enrolá-las¹⁹²⁰, seguida pela apresentação de alguns tipos de bandagens.

QUADRO 4 - Relação de materiais mencionados, na obra “Curso de Enfermeiros” para a confecção de ataduras.

TIPOS DE MATERIAL DAS BANDAGENS	PÁGINAS
• Morin	184
• Gaze	184 e 190
• Crepon	184
• Flanela	184
• Gaze gomada	190

Porém, para a descrição das técnicas, propriamente ditas, segue o sentido céfalo-caudal. Ele inicia pela cabeça, seguindo pelo tórax, abdômen e membros, atrelando à explicação de uma única técnica, tanto para os membros superiores como para os inferiores.

Em dados momentos, Possollo se utiliza de termos em francês para designar certas manobras durante a realização de algumas bandagens. Podemos inferir que essa apropriação se deu pela forte influência francesa, no embasamento para a construção dessa parte do capítulo, bem como de todo o livro, como já mencionado nesta seção.

Em seguida, ele faz certa apresentação descritiva, do quantitativo reduzido de técnicas, limitando a uma por região do corpo abordada. Sem se deter a explicações mais minuciosas em relação à descrição do como proceder, tão pouco das possíveis indicações.

Dito em suas palavras:

Nos *membros* a aplicação varia, segundo o segmento deles. Junto a implantação dos membros no tronco a forma preferida é a espica (Fig. 206), que tem igual aplicação nos dedos e nos curativos interessando a mão e o ante-braço, bem como o pé e a perna ao mesmo tempo. A descrição duma delas, a do polegar, torna fácil a compreensão das outras (POSSOLLO, 1939, p. 186)

Possollo faz referência aos “meios de fixação”, quer dizer, intenciona abordar tal assunto, porém, condiciona a explicação e o entendimento para as imagens. A partir de então, segue com a aplicação de bandagens com ataduras gessadas, que segundo ele:

servem para garantir a estabilidade dos pensos. Servem igualmente para a confecção de aparelhos de fratura, principalmente provisórios (POSSOLLO, 1942, p. 188).

Sobre a descrição das imagens, ele não segue uma ordem, ou pelo menos, não conduz o leitor a acompanhá-lo, como, por exemplo, quando descreve uma bandagem torácica e indica as imagens referentes a esta explicação. A descrição consta na página 186 e as imagens se distribuem pelas páginas 189, 190, 192 e 193. Sendo que, entremeando a explicação e as imagens encontram-se outras descrições e imagens distintas.

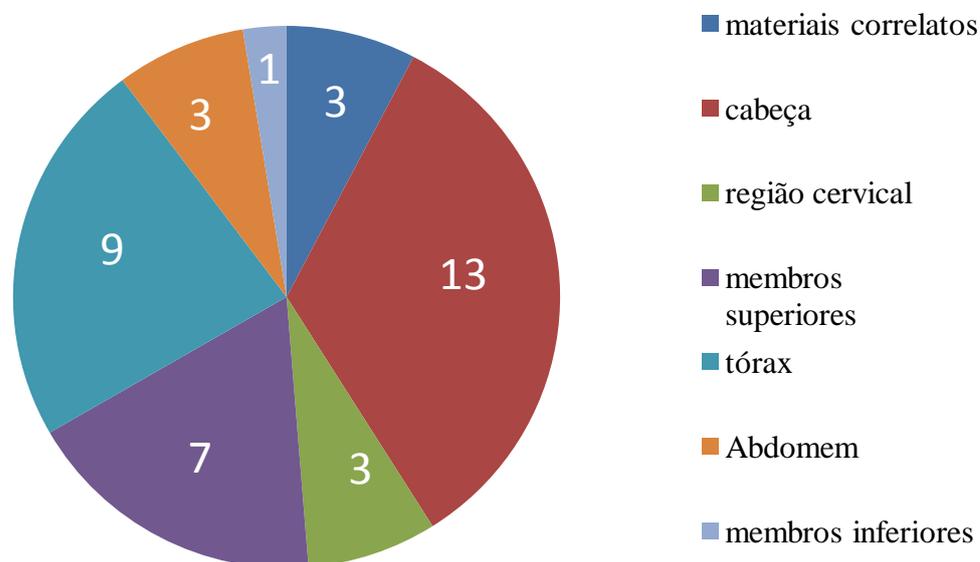
Isso faz com que a leitura fique de certa forma, confusa, pois, as sequências de texto e imagens são descontínuas, o que poderia induzir o leitor ao erro.

4.3 – As Imagens

Para uma melhor visualização do material imagético apresentado no capítulo, decidiu-se agrupá-los por regiões do corpo a que se referem, constituindo sete grupamentos, a saber: materiais correlatos; membros superiores; cabeça, região cervical; tórax; abdômen e membros inferiores. Todos eles aparecem nas seis edições e, desses 07 (sete) grupos, quatro deles podem se subdividir, de forma a melhor delimitar as imagens apresentadas.

Cabe destacar que a análise das imagens foi realizada em todas as edições (1920, 1930, 1936, 1939, 1942, 1944 e 1948) e o resultado encontrado foi o mesmo quantitativo de imagens por grupo para cada edição estudada, ou seja, as imagens são as mesmas tanto em estruturas quanto em número para cada uma das edições da obra em apreço. A distribuição das imagens, por grupamento, pode ser observada no gráfico n.1 a seguir apresentado a seguir.

GRÁFICO 1 - Número de imagens por edição da obra “Curso de Enfermeiros”



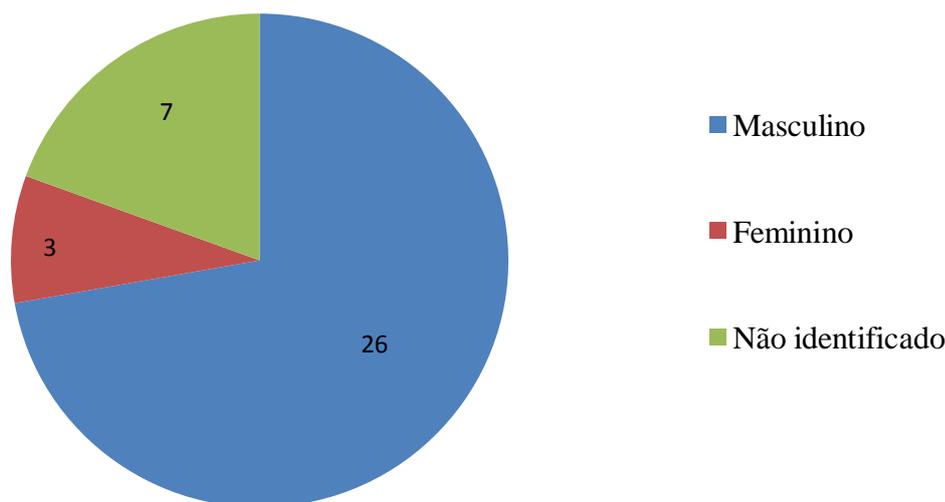
Pela análise das imagens, em todas as sete edições, foi possível identificar que não houve mudanças em relação ao quantitativo de imagens. Todavia, existem diferenças na disposição dessas imagens em algumas edições e, em outras há a mesma sequência de apresentação e posicionamento do conteúdo imagético. Como, por exemplo, se apresentam as primeira e sétima edições (1920 e 1948) e as terceira e quarta edições (1936 e 1939). Isto quer dizer que, as imagens apresentadas nas edições de 1920 e 1948 apresentam a mesma disposição e sequência de imagens, que se diferencia das demais edições, o mesmo se aplicando para as edições de 1936 e 1939. As outras edições (1930, 1942 e 1944) apresentam disposições não apenas diferentes entre si como também diferenciadas dos dois pares citados.

Outro ponto de observação foi que nenhuma das edições o capítulo se iniciava na mesma paginação, talvez tal fato se devesse as alterações de edição para edição. Que para este capítulo, em especial, não teve modificação do conteúdo. Tanto é que nas sete edições apresentadas, neste trabalho, a parte referente as bandagens possui 10 (dez) páginas e trinta e nove imagens.

Além das divisões acima apresentadas, é importante verificar a questão de qual a representação sexual foi mais utilizada como modelo para o ensino das técnicas, tendo em

vista a que se destinava o livro, a formação de enfermeiras para atuação tanto em hospitais civis, militares e na assistência psiquiátrica.

GRÁFICO 2 – Relação das representações sexuais para o ensino das técnicas de bandagens



De acordo com um estudo preliminar de PORTO, apresentado no livro “Corpo & Saúde: condutas clínicas de cuidar” (2009), há um predomínio das representações do sexo masculino no livro “Curso de Enfermeiros” como um todo, é bem verdade que essa avaliação abrangeu apenas uma edição do livro (1930). Porém diante do fato já observado e mencionado de que as alterações ocorridas nas edições não modificavam sobremaneira o conteúdo apresentado, infere-se que o mesmo acontecia para as imagens. Segue, abaixo, o gráfico n. 2 que exemplifica a distribuição das imagens, por representação sexual, sobre técnicas de bandagens na obra de Adolpho Possollo. Lembrando, mais uma vez, que a leitura foi realizada nas sete edições apresentadas neste estudo e, que o resultado se mostrou o mesmo para todas.

Como um dos possíveis motivos para esse enfoque PERROT (2007) revela que à época o mistério em torno do corpo feminino ainda se fazia presente, talvez pelo fato de ser considerada inferior e pelas taxas de mortalidade, mais elevadas que as masculinas, muito por conta das complicações no parto. Outro motivo fosse o fato de que neste período a exposição da figura/corpo feminino ainda era bastante preservada. Tendo em vista todo um contexto

social e religioso que envolvia a aura da mulher. Corroborando com essas assertivas e ratificando seus achados PORTO(2009), menciona que:

entre expor a imagem do corpo da mulher e a do homem os autores preferiram mostrar as masculinas. Assim entendemos ter ocorrido uma estratégia de preservar o corpo feminino (PORTO, 2009; p.84)

Outro motivo poderia ter sido o fato de que as obras, utilizadas como suporte, apresentavam um quantitativo superior de imagens masculinas em relação às femininas. Então, tendo dificuldades em encontrar fontes que explicassem técnicas de bandagens no corpo feminino, estas também teriam sido delegadas à segundo plano, no livro “Curso de Enfermeiros”.

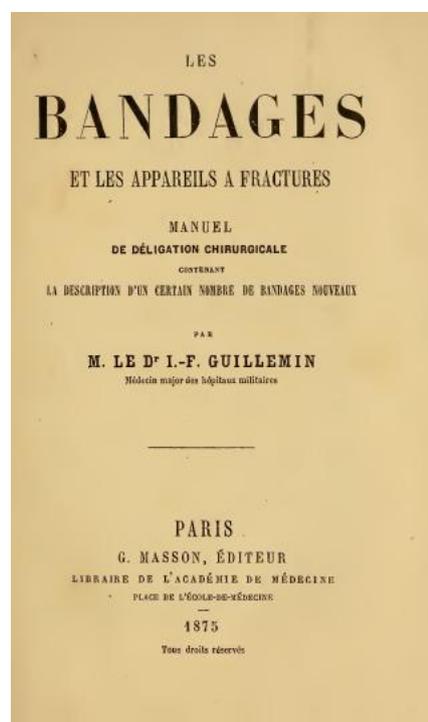
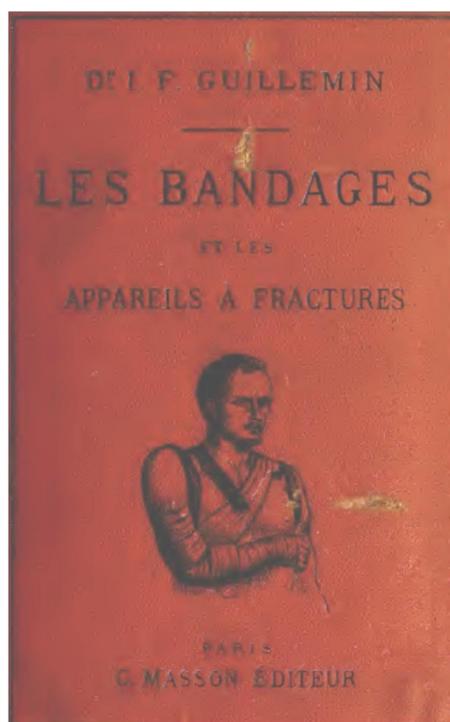
O grupo de indeterminados abrange as imagens de partes do corpo em que não se pode identificar o sexo, tais como: braços, mãos, cotos de membro inferiores, dentre outras.

Outro fator de observação foi que a quantidade de imagens que se refere a aplicação das bandagens, ou seja, a técnica propriamente dita, é o número mais expressivo, pois das 39 (trinta e nove imagens), 36 (trinta e seis) remetem ao desenvolvimento da técnica em alguma parte do corpo, seja masculina, feminina ou não identificada

4.4 – A Construção do Capítulo “CURATIVOS E PEQUENAS CIRURGIAS”

Para o melhor entendimento analítico do capítulo VI, do livro e, reduzindo o ponto de observação para a técnica de bandagens. Nota-se que, Possolo utilizou como referência principal, em suas edições, o livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”, do Drº I. F. Guillemin, cuja primeira publicação é data de 1875. Até o momento, não se encontrou uma edição traduzida para a língua portuguesa, ou mesmo um exemplar em francês em bibliotecas do Rio de Janeiro.

IMAGENS 4 e 5 - Da esquerda para direita, tratam-se da capa e contra-capa da obra “*Les bandeges et les appareils à fractures*”, de autoria de I. F. Guillemin, edição de 1875



I.F. Guillemin foi um médico que exercia suas funções em hospitais militares da França. Seu livro foi impresso por G. Masson, editora pertencente à livraria da Academia de Medicina, pela Escola de Medicina de Paris.

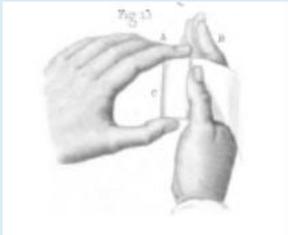
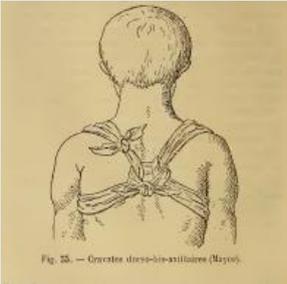
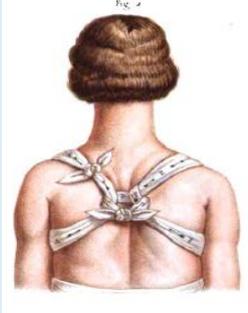
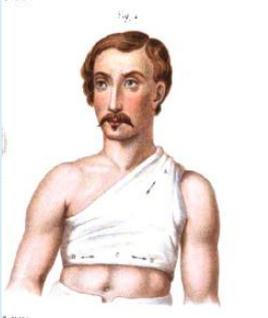
Este é um manual que aborda técnicas de bandagens e aparelhos para imobilizações e fraturas, que tomou por base conhecimentos contidos em manuais mais antigos, como o “*Traité méthodique les bandages*”, de autoria de D. Fournier, publicado em Paris, em 1671 e “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”, publicado em Paris, em 1838, do Dr. Joseph Marie Achilles Goffres.

QUADRO 5 - Capítulos e Imagens contidos no livro “*Les bandages et les appareils à fractures*” (1875)

Parte	Nome do Capítulo	N. de Imagens	Parte II	Nome do Capítulo	N. de Imagens
Cap. 01	Chapitre Premier. Considérations préliminaires.	00	Cap. 01	Chapitre Premier. Considérations Générales sur les Fractures.	06
Cap. 02	Chapitre III. Des différentes formes de Bandages.	06	Cap. 02	Des différentes Espèces de Appareils à fractures.	00
Cap. 03	Chapitre III. Bandages de la Tête.	14	Cap. 03	Chapitre III. Appareil contentifs ou immobilisants.	11
Cap. 04	Chapitre IV. Bandages du cou.	06	Cap. 04	Chapitre IV. Fractures du membre supérieur.	17
Cap. 05	Chapitre V. Bandages du Thorax.	08	Cap. 05	Chapitre IV. Fracture Du membre inférieur.	34
Cap. 06	Chapitre VI. Bandages de L'abdomen.	03	Cap. 06	Chapitre VI. De La suspension appliquée au traitement des fractures des membres.	05
Cap. 07	Chapitre VII. Bandages Du bassin.	07	Cap. 07	Chapitre VII. Fractures des os de la Tête.	04
Cap. 08	Chapitre VIII. Bandages des membres.	04	Cap. 08	Chapitre VIII. <i>Fractures des os du tronc.</i>	01
Cap. 09	Chapitre IX. Bandages du membre supérieur..	07	Cap. 09	Chapitre IX. De appareils spécialement destinés au traitement des fractures compliquées.	05
Cap. 10	Chapitre X. Bandages du membre du inférieur.	02	Cap. 10	Chapitre X. Des appareils improvisés.	00
Cap. 11	Chapitre XI. Bandages divers.	06	Cap. 11	Chapitre XI. Des précautions à prendre pour relever, transporter et coucher les blessés atteints de fractures.	00
Cap. 12	Chapitre XII. Écharpes.	08	—	—	—
TOTAL	—	71	—	—	88

A partir da citação da obra de Goffres, no prefácio, pode-se deduzir que Guillemin se inspirou nas imagens contidas no livro, para absorver conhecimentos, principalmente, e que tenha se utilizado das imagens para se inspirar para a criação das suas próprias ilustrações. Afirma-se isso, pela semelhança entre as imagens contidas nas duas obras. Essas semelhanças podem ser visualizadas no quadro n.6, onde são apresentadas, para comparação visual, algumas imagens, pertencentes tanto à obra de Guillemin quanto à de Goffres.

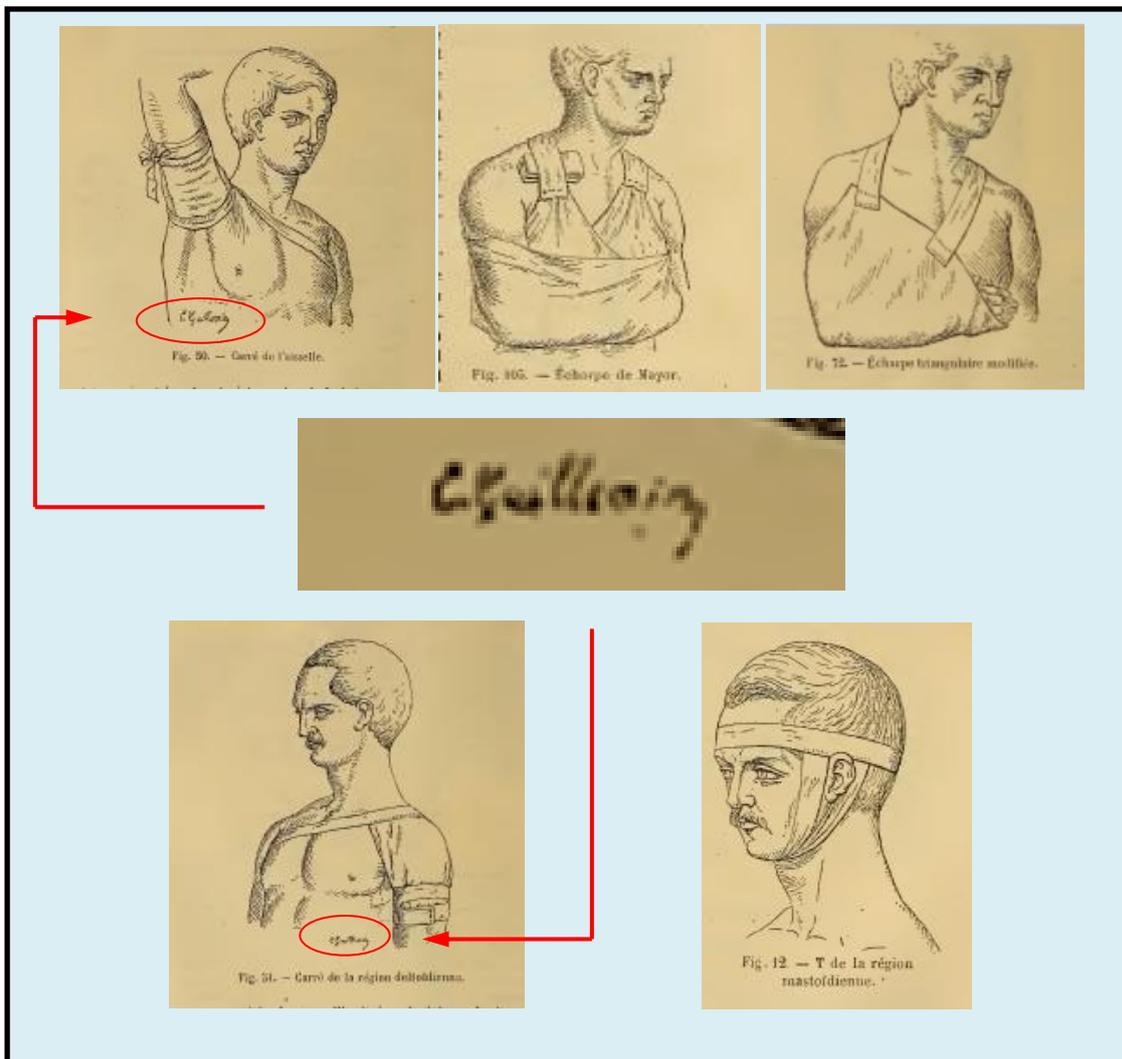
QUADRO 6 - Pareamento de imagens contidas nos livros “*Les bandages et les appareils à fracture*” e “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”

TITULO DAS OBRAS E IMAGENS RESPECTIVAS	
“ <i>Les bandages et les appareils à fracture</i> ” – Guillemin	“ <i>Précis iconographique de bandages, pansements et appareils</i> ” – Goffres
 <p>Fig. 2. — Manière de rouler les bandes.</p>	
 <p>Fig. 33. — Oracles dorsio-axillaires (Mayo).</p>	
 <p>Fig. 30. — Triangle thoraco-scapulaire (Mayo).</p>	

Fonte: Imagens na coluna da esquerda: n.7; n.9; n.11 extraídas do livro “*Les bandages et les appareils à fracture*” de I. F. Guillemin, 1875. Imagens na coluna da direita: n.8; n.10; n.12 extraídas do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*” de Goffres, Ed. 1838.

Como pode ser observado no quadro n.6, as imagens são parecidas, mas não são idênticas. Inclusive pela estrutura corporal da figura que se apresenta como modelo humano. Já para as bandagens as semelhanças são mais acentuadas, o que ratifica, juntamente com a referência na apresentação do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”, que a obra “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*” teve influência decisiva, pelo menos no que tange as informações imagéticas.

QUADRO 7 - Relação de semelhança entre as imagens assinadas e as não assinadas, na obra “*Les bandages et les appareils à fractures*”



Fonte: Da esquerda para direita – Imagens parte superior: n.13 – técnica de bandagem em membro superior; n.14 e n.15.- técnica de bandagem com echarpe em membro superior. Imagem ao centro: n 16 – recorte da assinatura de I.F. Guillemin em um de seus desenhos. Imagens da parte inferior: n.17 – técnica de bandagem em ombro; n.18 – técnica de bandagem em cabeça. Todas as imagens extraídas do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”

Destarte, as imagens ainda que parecidas na apresentação das técnicas de bandagens, não se configuram, de forma alguma, como idênticas. Não se pode precisar quem foi o autor das imagens no livro de Goffres (1838), contudo, atribui-se a autoria, de grande parte, dos desenhos da obra *“Les bandages et les appareils à fractures”* à Guillemin, autor do livro. Essa afirmação pode ser feita, pois muitos dos desenhos estão assinados por ele e, aqueles que não estão assinados possuem traços faciais, dos indivíduos representados, idênticos aos com assinatura. Para uma visualização do exposto, criou-se o quadro n.7, onde são colocadas, lado-a-lado, algumas imagens assinadas e, outras não, para que se possa fazer uma visualização das semelhanças entre os traços e estruturas.

Apesar de uma certa dificuldade de nitidez nas imagens que se apresentam no quadro n.7, devido a antiguidade da fonte histórica, é possível perceber a similaridade entre as imagens, assinadas e as não assinadas. Conferindo à Guillemin a autoria das ilustrações contidas em seu livro.

SEÇÃO 5

Circularidade das Imagens

Esta seção se destina a refazer ou construir o caminho das imagens utilizadas por Adolpho Possollo para o ensino das técnicas de bandagem em seu livro “Curso de Enfermeiros”. No sentido de identificar o aspecto da circularidade do conhecimento e cultura implícitos nela.

Entendendo que a base do conceito de circularidade se dá no movimento de idas e vindas entre os elementos culturais, em diversas classes que podem coexistir, dentro de uma mesma sociedade ou espaço geográfico.

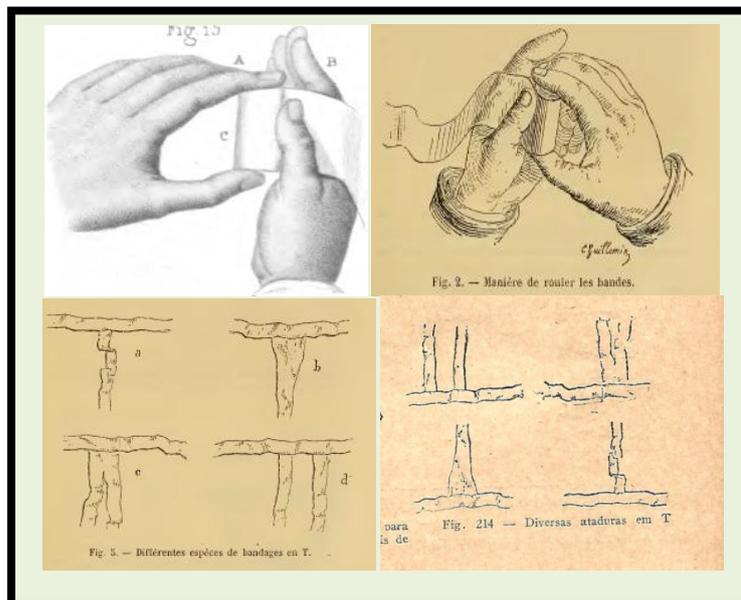
A busca da origem ou, pelo menos, a visualização de um dado período, onde pode se identificar esse movimento se transforma em rastro, que pode lançar luz no sentido de possibilitar a identificação dos saberes transmitidos, pelas instituições de ensino, que se utilizavam desses conteúdos, como material didático, na formação dos Enfermeiros.

5.1 – A Circularidade nas obras de Possollo/Guillemin/Goffres

Nos parágrafos seguintes se dará a apreciação das imagens utilizadas por Adolpho Possollo e as contidas nos livros “*Les bandages et les appareils à fractures*” (1875) e “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”, traçando, dessa forma, o possível caminho percorrido por elas até a chegada no Capítulo VI, “Curativo e Pequenas Cirurgias” do livro “Curso de Enfermeiros”.

Para melhor visualização a apresentação das imagens se dará sob a forma de mosaicos, que serão apresentados de acordo com o autor e agrupamento a que pertencem. Os grupos devem ser entendidos como aqueles configurados e apresentados na seção anterior. A disposição dos mosaicos será por ordem cronológica e espacial, para um melhor entendimento do percurso feito pelas imagens, iniciando com as de Goffres (1838), seguidas pelas de I. F. Guillemin (1875), finalizando com as de Adolpho Possollo (1920 – 1948).

IMAGEM 7: Mosaico Imagético - Ataduras



Da esquerda para direita: Parte superior – Imagens referentes à modos de enrolar ataduras manualmente, n.19 extraída do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”; n.20 extraída do livro “*Les bandeges et les appareils à fractures*”.

Parte inferior – Imagens referentes a modelos de ataduras/faixas, n.20 extraída do livro “*Les bandeges et les appareils à fractures*” e n. 21 extraída do livro “*Curso de Enfermeiros*” (1942)

As imagens pertencentes ao mosaico imagético n.1 são referentes ao que foi denominado de materiais correlatos e, que se apresentam por semelhança. Elas são as de ataduras e as formas de como enrolá-las, mas elas não aparecem nas três obras em apreço.

Percebe-se que no livro de Goffres a imagem não é idêntica, mas possui aspectos semelhantes entre si, como, por exemplo, nas imagens de n. 19 e n.20 do mosaico imagético n.1, onde se destaca o polegar de uma das mãos com a função de firmar a atadura, enquanto a outra mão, procede o enrolar. No livro de Possollo a imagem é a mesma que no Livro de Guillemin. As imagens do mesmo mosaico, de numeração n.21 e n.22, apresentam similaridade entre si, de forma nítida, apesar da posição invertida preservam os mínimos detalhes estruturais do desenho.

As imagens que se referem às ataduras na obra de Goffres nenhuma se assemelha ou mesmo lembra as contidas nos outros dois livros.

IMAGEM 8: Mosaico Imagético - Técnicas de Bandagens para Cabeça



Da esquerda para direita : Parte superior: imagens n.23; n.24; n.25; n.26; n.27; n.28 extraídas do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”

Parte central: imagens n.29; n.30; n.31; n.32; n.33; n. 34 extraídas do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”-

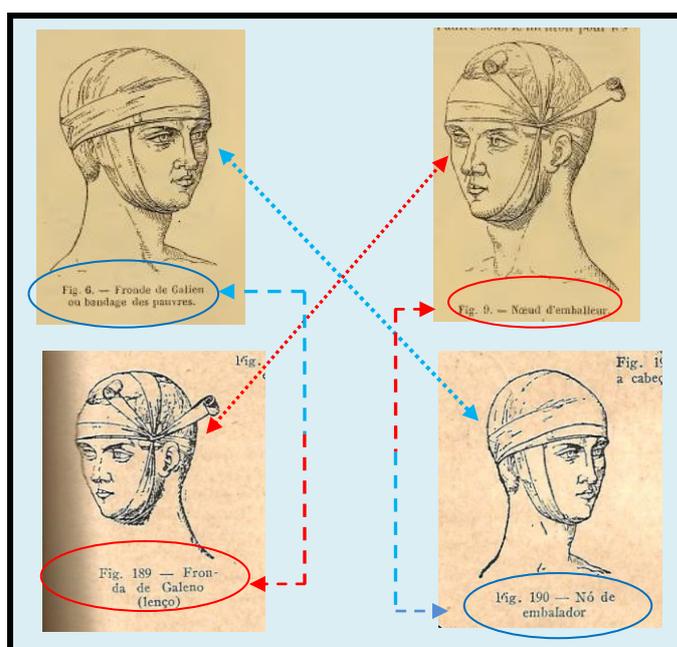
Parte inferior: imagens n.35; n.36; n.37; n.38; n.39; n.40 extraídas do livro “*Curso de Enfermeiros*” (1942)

O mosaico imagético n.2 trata-se das imagens sobre técnica de bandagem aplicadas à região da cabeça (crânio, face e estruturas). Como se pode identificar são muitas imagens, apresentando certa semelhança entre elas. Por outro lado, nem todas elas estão presentes nos três livros, mas estão no capítulo do livro do Dr. Possolo (em todas as edições) e no livro de Guillemin (1875).

Diferentemente do grupo anterior as imagens, nitidamente, foram extraídas, em todas as suas formas e expressões e posições do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*” e, apresentadas no capítulo “*Curativo e pequenas cirurgias*” do livro “*Curso de Enfermeiros*”- em todas as edições apresentadas neste estudo. Neste mosaico identificam-se várias técnicas para determinadas partes da cabeça, como: calota craniana, nariz e mento, com suas derivações.

O destaque diferencial para as imagens deste mosaico imagético se dá para as imagens de n.29; n.30; n.35 e n.36. Nelas se pode visualizar a técnica e o material distintos, contudo, em análise perscrutada, por meio da legenda, pode-se identificar que na obra de Possollo, a imagem de n. 36 recebe a identificação de “Nó de embalador”, enquanto na obra de Guillemin, essa denominação está para a imagem de n.29 e, a denominação de “Fronda de Galeno (lenço)”, no capítulo “Curativos e Pequenas cirurgias está para a imagem de n. 35, quando no Livro “*Les bandages et les appareils à fractures*” se refere a imagem de n. 29. Depreende-se do exposto que, estas indicações ficam mais claras no destaque das imagens que se apresenta a seguir.

QUADRO 8 – Relação de comparação entre imagens e legendas nas obras de Possollo e Guillemin

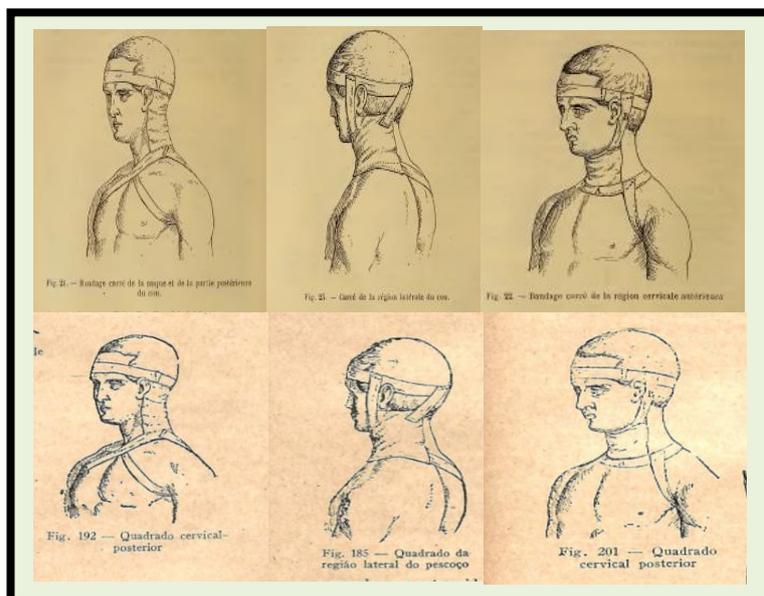


Da esquerda para direita: Parte superior: imagens n.30 e n. 29 extraídas do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”

Parte inferior: imagens n.35 e n.36 extraídas do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

Infere-se, mediante ao exposto no mosaico imagético n.2 que esses equívocos fazem parte da circularidade da imagem, no que se refere os elementos entre as classes, que interpretam ao seu modo e de acordo com suas condições culturais, não apenas reproduzem ao pé da letra, sendo assim, eles são assimilados, interpretados e repassados à outros indivíduos da forma que melhor possa se entender.

IMAGEM 9: Mosaico Imagético - Técnicas de bandagens para região cervical



Da esquerda para direita: Parte superior: imagens n.41; n.42; n.43. extraídas do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”-
Parte inferior: imagens n.44; n.45; n.46. extraídas do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

Neste mosaico imagético n.3 as imagens se referem as técnicas de bandagens para região cervical e apresentam um misto nos materiais utilizados, como as faixas e o tecido. Estas estão contidas apenas nos livros de “*Les bandages et les appareils à fractures*” e no capítulo “Curativo e Pequenas Cirurgias”. Depreende-se disto que, este livro se configura na origem delas, que no decorrer do tempo foram veiculadas em obras de outros autores.

As imagens de bandagens aplicadas aos membros superiores estão contidas nas três obras e, se dividem em mãos e braços, como pode se evidenciar no mosaico imagético n4. O material utilizado para os braços é a *écharpe*⁶, além das ataduras.

As *écharpes*, na obra de Possollo, apesar de não terem sido elencadas como material possível para a realização de bandagens, como foi exemplificado no quadro n.4, da seção 4, tão pouco descritas em meio ao texto, elas aparecem com certa frequência nas imagens, principalmente neste grupo, apresentando, assim, como texto imagético, o que não ocorre nas obras Guillemin e Goffres, eles não apenas mencionam o material (*écharpes*), mas também as explicações e a forma operacional do uso da técnica

⁶ palavra de origem francesa (*écharpe*), pl. *écharpes*, substantivo feminino: faixa comprida de tecido leve, que se usa geralmente à volta do pescoço ou da cabeça – dicionário on line de português - www.dicio.com.br/écharpe)

IMAGEM 10: Mosaico Imagético - Técnicas de bandagens aplicadas aos membros superiores

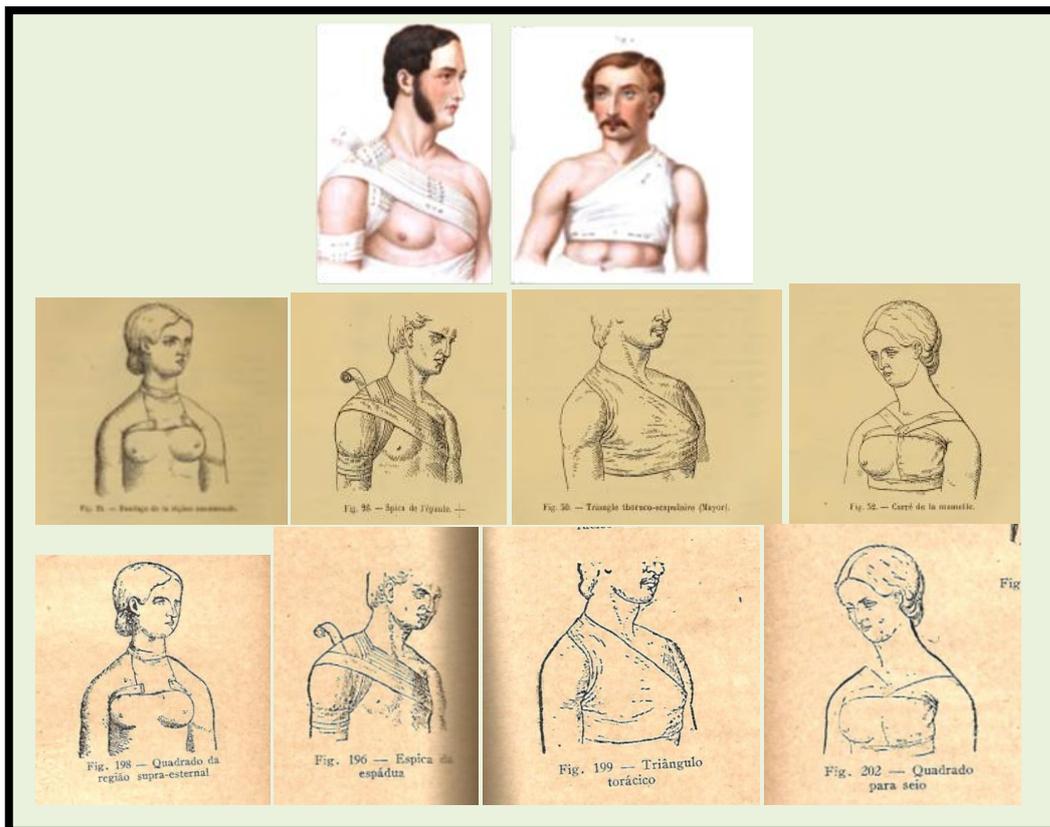


Da esquerda para direita : Parte superior :imagens n.. 47; n.48; n.49; n.50 extraídas do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”
Parte central: imagens n. 51; n.52; n.53; n.54 extraídas do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”-
Parte inferior: imagens n55; n.56; n.57; n.58.. extraídas do livro “*Curso de Enfermeiros*” (1942)

Infere-se a possibilidade da ausência de explicação por Possollo do material (echarpe) em virtude de se tratar de material comum, ou seja, podendo ser considerado por ele como menos profissional. Em outras palavras, a atadura, seja industrializada ou não, a visualizada para o produto final, no olhar da estética, deixa transparecer como uma atividade profissional, enquanto a echarpe, certa improvisação, pois sabe-se que em atendimento de primeiros socorros a criatividade e o imprevisto são fundamentais para a prestação de cuidados.

Depreende-se, desta forma, que como a obra se destina a população-alvo enfermeiros, a cultura popular deveria ser dita de forma implícita – pela imagem -, aqui entendida como vestígio para a transposição para a cultura letrada. Seja qual for à argumentação teórica o indício se revela e o que poderia ser entendido como cultura popular, na obra, ela acaba por assumir *status* acadêmico, entendido como cultura letrada, que possivelmente, passava de forma despercebida pelo leitor desatento.

IMAGEM 11: Mosaico Imagético - Técnicas de bandagens aplicadas para região torácica



Da esquerda para direita: Parte superior: imagens n. 59; n.60 extraídas do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”

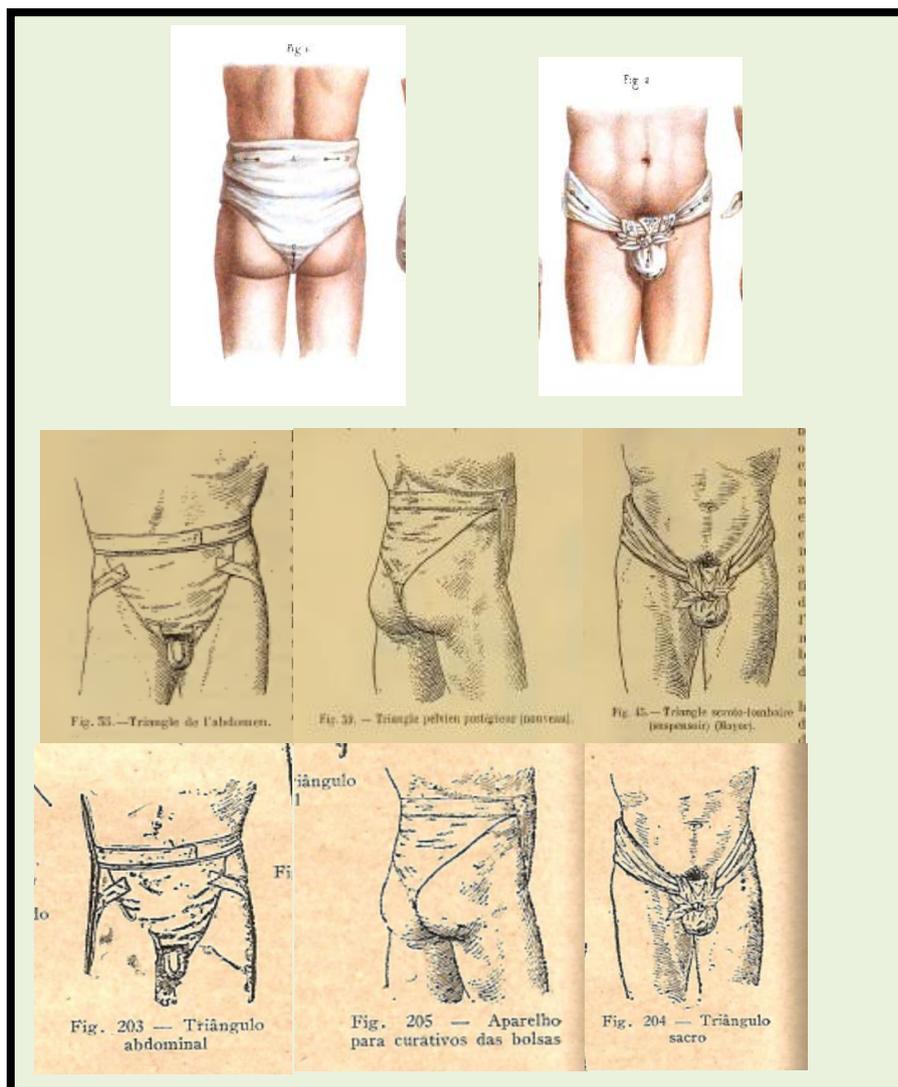
Parte central: imagens n.61; n.62; n.63; n.64 extraídas do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”-

Parte inferior: imagens n.65; n.66; n.67; n.68 extraídas do livro “*Curso de Enfermeiros*” (1942)

Neste mosaico imagético n.5 são apresentadas diversas técnicas para bandagens na região torácica, com indicações distintas. Importante destacar que é, neste grupamento, que aparecem as poucas imagens femininas utilizadas para exemplificação de alguns tipos de bandagens. Esta identificação sexual se encontra presente nas três obras, lembrando que, em quantidade inferior às masculinas, contudo, neste mosaico foram colocadas apenas as imagens semelhantes em relação a técnica.

Os materiais utilizados nas técnicas presentes são variados, indo de ataduras a variações de tecidos e mesclado entre ambos, o que, direta ou indiretamente, já foi abordado em parágrafos anteriores, mas aqui, percebe-se o uso de faixas de tecido como o único material a ser utilizado na aplicação das bandagens (imagens n.60; n.63 e n.67).

IMAGEM 12: Mosaico Imagético - Técnicas de bandagens aplicadas na região abdominal e genitais



Da esquerda para direita: Parte superior: imagens n.69; n.70 extraídas do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”

Parte central: imagens n.71; n.72; n.735 extraídas do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”-

Parte inferior: imagens n.74; n.75; n.76 extraídas do livro “*Curso de Enfermeiros*” (1942)

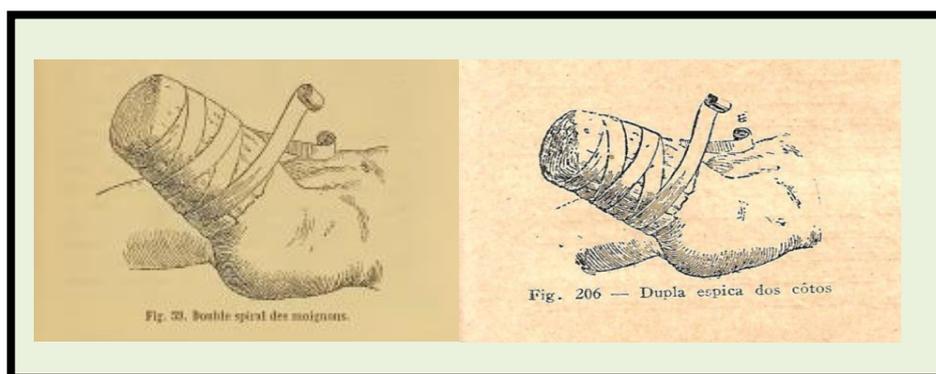
Para o mosaico de n.6 visualiza-se o uso exclusivo do tecido como material a ser utilizado na confecção das bandagens. Este é o único mosaico que apresenta de forma mais exposta a genitália masculina, entendendo-se que para a época tais exposições eram difíceis de acontecer devido as regras morais vigentes. estas são as únicas imagens com essa característica encontradas nas três obras.

Pode se inferir que a apresentação de imagens que expõem os órgãos sexuais masculinos, conferem ao livro obra de Adolpho Possollo um tom mais científico, tendo em

vista que a manipulação deste se daria por jovens do sexo feminino e a visualização de imagens como estas só teriam aprovação social se respaldadas por um motivo tão nobre quanto qualificar enfermeiras para a prestação adequada dos cuidados.

Para o mosaico imagético n.6a verifica-se o uso exclusivo do tecido como material da confecção das bandagens. Em particular neste mosaico, pode se perceber a propagação das imagens desde a obra de Goffres, passando por Guillemain e chegando até o capítulo VI do livro de Possollo. As imagens são praticamente as mesmas, no que se refere ao desenvolvimento da técnica de bandagem, dessa forma pode se visualizar a trajetória dessas imagens desde sua possível origem, livro *Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”, de Goffres,1838, Paris, até chegando ao livro “Curso de Enfermeiros” 1920, Brasil.

IMAGEM 13: Mosaico Imagético - Técnicas de bandagens aplicada aos membros inferiores



Da esquerda para direita: imagem n.77 extraída do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”; imagens n78; extraída do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

Este mosaico imagético n.7 apresenta a única imagem referente à bandagem em aos membros inferiores presente na obra “Curso de Enfermeiros”. Se for prestado atenção tanto para as extremidades dos membros superiores quanto para as dos membros inferiores, Possollo, apresenta apenas uma imagem para cada. Ainda que em sua literatura de apoio tenham outras imagens para exemplificar as múltiplas e diferenciadas técnicas para os membros.. Reforçando a pouca preocupação com esta parte do corpo, em dado momento de suas explanações sobre as técnicas de bandagens, ele menciona que a mesma técnica pode ser aplicada tanto para membros superiores quanto para inferiores, o que não justifica a apresentação de apenas uma imagem, já que para ambas extremidades há outras tantas imagens em suas literaturas de apoio.

No caso dessa imagem pode se deduzir que, como ele já havia explicado a técnica, informando que serviria para os membros superiores e inferiores, tenha decidido mostrar certa variação, por meio de um membro amputado, mas isto não significa que ele tenha de fato esta intencionalidade. Ele também pode ter apresentado esta imagem em virtude de sua profissional no campo militar e com a preocupação com aqueles que tinham por danos corporais a amputação.

IMAGEM 14: Mosaico Imagético - Técnicas de bandagens as mãos



Da esquerda para direita, parte superior: imagens n.79; n.80 extraídas do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”

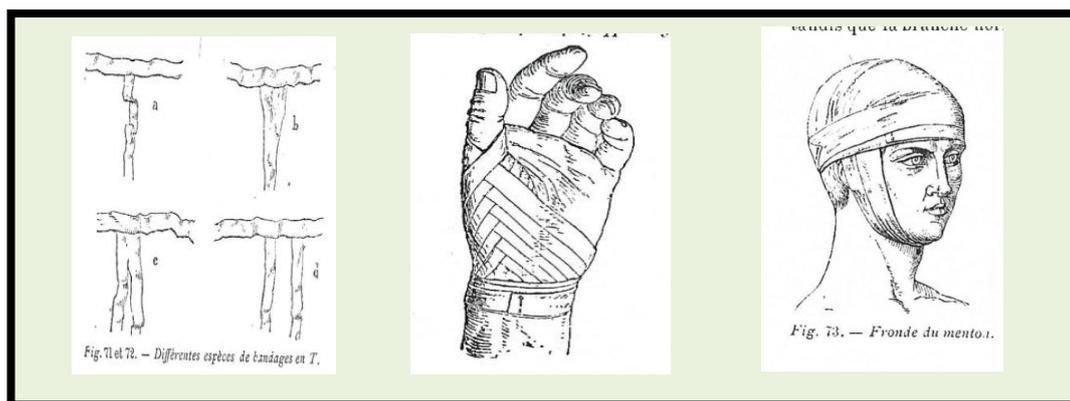
Parte inferior: imagens n.81; n.82 extraídas do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

Os dois pares de imagens no mosaico imagético n.8 tratam-se de um conjunto especial de imagens, pois não fazem parte do livro de I. F. Guillemin (1875), oficialmente referenciado na obra de Adolpho Possollo “Curso de Enfermeiros”. Contudo, estão presentes no livro de Possollo e no livro de Goffres (1845), o qual não consta das referências. Elas aparecem nas edições da obra em estudo, aqui apresentadas.

Isto é um vestígio que, não deve ser descartado, de que Possollo utilizou como fonte de apoio, também, o livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”, de Goffres, apesar de não tê-lo referenciado como tal. A afirmação de que essas imagens vieram

do livro de Goffres se dá pelo fato de este é mencionado e referenciado no texto de apresentação do livro de I.F. Guillemain “*Les bandages et les appareils à fractures*”; Comprovadamente, pelos mosaicos acima apresentados, utilizado por Adolpho Possollo em seu livro “Curso de Enfermeiros”.

IMAGEM 15: Mosaico Imagético - Imagens semelhante contidas na obra do Dr. Bourneville



Da esquerda para direita: imagens n.83; n.84; n.85; n.86 extraídas do livro “*Manuel Pratique de La Garde-Malade et de L’infirmière*”, Bourneville, 1907, Paris

Vale à pena ressaltar que algumas das imagens contidas tanto no livro de Guillemain, quanto no livro de Adolpho Possollo, também, são encontradas na obra do Dr. Bourneville, intitulada “*Manuel Pratique de La Garde-Malade et de L’infirmière*”. Trata-se de manual confeccionado para o ensino profissionalizante da Enfermagem francesa, que estudos⁷ afirmam que ele era utilizado como referência de ensino para Escola de Enfermagem do Hospício de *Salpêtrière*, em Paris.

Como Bourneville, provavelmente, outros tantos médicos elaboraram manuais com o intuito de promover o ensino nas escolas de Enfermagem francesa, tendo em vista que não existiam algumas escolas e, não apenas uma única corrente de ensino, como se pode identificar no estudo intitulado “Gênero e Enfermagem: reafirmação de papéis na seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (1920 - 1921)”, de Tiago Braga do Espírito Santo (2012).

A estes, eram atribuídas tanta importância que não encontravam fronteiras, sendo utilizados, inclusive, em outros países, que tinham no manual e na república francesa

7 “Desmistificando a origem da Enfermagem brasileira”(MOREIRA, A. 2002); “Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras: a contribuição para o ensino de enfermagem no Brasil” (SILVA, R.M, 2009); “Gênero e Enfermagem: reafirmação de papéis na seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (1920 - 1921).” (ESPIRITO SANTO, T.B., 2012)

exemplos a serem seguidos. O Brasil, de certo, se insere nesse rol. Prova disto, foi a contratação de enfermeiras francesas, oriundas do Hospital de *Salpêtrière*, para trabalharem no HNA, mas não se tem certeza, até o momento, que elas tenham vindo para ensinar na Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, mas sim, a certeza que trabalharam.

Outro dado de interesse é como a obra de Bourneville teria chegado à Instituição de Ensino. Pensar na possibilidade de terem sido pelas enfermeiras francesas é um caminho, mas a obra localizada na biblioteca Setorial da UNIRIO, em suas primeiras páginas, o registro que se tem é que ela teria sido doada pelo Dr. Oscar Ramos, professor à época da Instituição, mas, também, nada impede que ele tenha recebido de presente das enfermeiras francesas ou de amigo vindo da França ou, até mesmo, que ele em viagem à Europa tenha adquirido a obra e depois a tenha doado.

Hipóteses a parte, que aqui não se teve a pretensão de investigar, mas não se poderia deixar de especular possibilidades do trajeto do livro, o que se sugere como investigação para outros estudos.

SEÇÃO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao momento pós análise das imagens e seus conteúdos o que se conclui é que a questão da circularidade de elementos culturais está presente na formação da Enfermagem Brasileira.

Para uma melhor reflexão sobre o assunto faz-se necessário o retorno primeiramente ao título do trabalho em seguida ao objeto e seus objetivos.

(Des)enrolando a circularidade das imagens de bandagens do livro "Curso de Enfermeiros" este é o título do presente estudo, onde temos como pontos chaves as palavras circularidade, imagens, bandagens e "Curso de enfermeiros".

Começaremos não pelo início como seria de praxe, mas pelo fim. Pela obra "Curso de enfermeiros", livro elaborado para ser utilizado na Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, cujo autor, Dr. Adolpho Possollo, pelo que se pode apurar, até o momento, era um profissional que se locomovia tanto pela esfera cirúrgica, sua especialidade, quanto pela psiquiatria. Tendo em vista que foi atuante nos ambulatórios da Associação dos Comerciantes do Rio de Janeiro e na própria Colônia de Psicopatas do Engenho de dentro, na posição de cirurgião. Mas que também atuou na assistência aos alienados na Colônia de Psicopatas de Vargem Alegre, por um período considerável, indo desde a assistência propriamente dita até a direção dessa instituição.

O livro, apesar de não se ter documentação comprobatória de sua real utilização pela EPEAP, com toda certeza foi fonte para o estudo e instrução na formação de muitos enfermeiros, tendo em vista suas sete edições, pelo menos é o que se tem conhecimento até o momento, muitas delas com vendas esgotadas. Isso sem dúvida é indício da grande aceitação desta obra pelo público a que se destinava. Fora isso, tem-se a presença de edições as mais distintas em bibliotecas variadas, não apenas no Brasil, como na Biblioteca da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, mas também fora, como na Biblioteca da Escola de Enfermagem de Coimbra. O que leva a crer na utilização deste livro, inclusive, por outros profissionais que não apenas os Enfermeiros em formação.

Por esses motivos a escolha desta obra, em particular, para compor este estudo, até porque à época de seu lançamento não contávamos com uma literatura nacional deste cunho e, para este grupo profissional. Apenas o livro do também médico Dr. Getúlio dos Santos. Mas

este não teve o mesmo aceite que o livro de Adolpho Possollo, tendo em vista apenas três edições.

O tema bandagens foi escolhido pelos motivos já expostos nas considerações iniciais, motivação e problematização: a prática desse cuidado sempre como uma constante na vida profissional e o histórico das bandagens como um cuidado milenar. Estas são um cuidado tão antigo quanto à própria humanidade, e seus apontamentos se fazem presentes desde as primeiras formas de registro como a escrita cuneiforme. Técnicas que se aprimoraram e se diversificaram ao longo dos tempos para atender e compor os mais variados tratamentos e manutenção da saúde e do corpo.

As bandagens eram e são, ainda hoje, utilizadas para as mais variadas finalidades, podendo atuar desde coadjuvantes em tratamentos meramente estéticos até a serem o elemento principal de um tratamento como, por exemplo: tratamentos compressivos. Ao longo do tempo suas indicações e aplicações passaram a exigir uma técnica e uma habilidade cada vez mais acentuadas, há uma infinidade de técnicas e desdobramentos, além de material vasto para a confecção das ataduras.

Por isso o profissional que é habilitado para esse tipo de cuidado deve ter conhecimento científico e habilidade técnica para implementá-lo, sob pena de causar danos ainda maiores e até irreversíveis em seus clientes. O que diante do código de ética profissional e civil é passível de punição rigorosa (danos físicos). Desde quando a ciência da saúde e seus estudiosos começaram suas observações e registros tem-se para as bandagens, muitas das vezes, capítulos especiais ou mesmo manuais/livros especialmente e exclusivamente abordando o tema. O que só ratifica e comprova a importância desse cuidado no processo saúde/doença.

A circularidade, tida como circularidade cultural, foi proposta pelo historiador Carlo Guinzburg, um dos representantes mais célebres da abordagem microhistoriográfica atual. Tem como definição, a grosso modo, o trânsito feito por elementos culturais, que permeiam classes tidas como social e culturalmente distintas. E cada classe faz a leitura e interpretação desses elementos de acordo com sua bagagem de conhecimentos e cultura. Moldando dessa forma hábitos, tradições, modismos, enfim formas de expressão cultural. Lembrando que cultura, não significa apenas as tradições e crenças de um grupo, mas todo o conhecimento intelectual, científico, artístico, os hábitos de vida, a religiosidade, as crenças e tudo o que envolve as atividades coletivas de uma determinada classe.

Neste estudo entendemos que os elementos que circularam entre as classes se configuram nas imagens das bandagens presentes na obra de Adolpho Possollo, “Curso de Enfermeiros”, essas estão presentes em todas as sete edições elencadas aqui.

Guinzburg não entende que sejam os textos os elementos culturais, mas sim seus conteúdos, as informações neles contidas. Claro que, não se pode negar que é através desse veículo, que pela invenção da imprensa tornou-se dominante e abrangente na veiculação de informações, que se transmitem, de forma maciça, inúmeros elementos a serem interpretados.

Contudo, este pesquisador, não vislumbra que esta seja a única forma de transmissão, ao contrário, faz menções de que antes da escrita propagada os elementos culturais já circulavam entre as classes, graças as imagens (pinturas, esculturas, desenhos). E que atingiam uma grande parcela de indivíduos, de classes e localizações bastante distintas. Pois, a imagem não precisa necessariamente de textos para expressar seu conteúdo. Cada qual, ou cada grupo sócio/cultural interpreta seus elementos da forma que consegue, sem a necessidade de interferências de terceiros ou textos explicativos.

No caso das imagens de bandagens do livro “Curso de Enfermeiros”, essas estão imbricadas em conteúdos escritos e balizadas pela simbologia do poder que o médico tentava passar, naquele momento, à sociedade, haja vista que foi apresentada ao público dessa forma, através de manual.

Estes dispositivos – os manuais - assim podem ser chamados, são os instrumentos que o mundo antigo e moderno desenvolveu e determinou para ser o representante e substituto do preceptor ou orientador, aquele “autorizado” a transmitir as informações intelectuais aos demais. O manual ou aquele que se assemelha a tal traz em si o conhecimento. Assentado e respaldado pelos que o fizeram que dependendo de quem seja ou de que classe é representante acresce o manual de todo um poder simbólico, o poder do Saber. Quem domina o seu conteúdo domina o saber do conteúdo e, muitas das vezes torna-se capaz de transmiti-lo e/ou executá-lo.

Então mais um motivo para a escolha do livro de Adolpho Possollo, pois como já dito, foi confeccionado para ser utilizado na formação dos Enfermeiros da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto. Esta Escola trazia em si todo um respaldo legal para seu funcionamento, bem como para o ensino executado, sendo a única em sua época a ser legalmente reconhecida. O conteúdo programático de seu currículo era regulamentado e legitimado pelo governo através do Regimento Interno da instituição (1920).

Regimento Interno foi a normatização que integrada ao Decreto 791 de 1890 – que criou a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras – desdobrou a EPEE em três seções

– masculina, mista e feminina – além desse desdobramento, alterou, de forma não muito significativa, o programa curricular e as exigências para o ingresso na instituição.

O currículo da Seção feminina, logo nomeada Escola profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (1921), era pouco modificado do anterior. Tendo em vista que, no período em que foi elaborado primeiramente, a assistência prestada tinha forte influência do modelo francês, entende-se que esta influência estendeu-se dos médicos até os Enfermeiros, formando um modelo a ser sugerido e seguido no Brasil.

Tendo em vista que a França era considerada desde a sua Revolução e a consequente implantação da República como uma potência, cujos ideais e ações serviam de exemplo, não apenas no âmbito político-administrativo, mas também no social, econômico e de saúde pública.

A proclamação da República aqui no Brasil, somente acentuou a aceitação dos ideários franceses que para a área da saúde se difundiram nas questões higienistas; na medicalização dos hospitais decorrente de uma “revolução científica” – com conhecimentos trazidos de fora para o Brasil - e a laicização da enfermagem.

Vale fazer uma pequena ressalva, para lembrar que até a criação da EPEE não havia enfermagem profissional no Brasil, muito menos instituições que prestassem algum tipo de formação. A enfermagem era praticada por religiosos, isso desde o início da colonização, ora por uma determinada ordem religiosa, ora por outra. Na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e, em todas as instituições sob sua tutela, o comando de todas as ações ficava a cargo das irmãs de caridade da Companhia de São Vicente de Paulo, irmandade francesa que ganhou fama no mundo inteiro pela organização com que cuidavam dos hospitais e dos doentes.

A laicização da enfermagem, aqui no Brasil, veio junto com a profissionalização. Ao mesmo passo em que os religiosos foram sendo substituídos da Santa Casa de Misericórdia, houve a vinda de enfermeiras laicas francesas (Escola de Salpêtrière), mais uma prova da influência da psiquiatria e do modelo francês na laicização da enfermagem brasileira, concomitantemente houve a criação da primeira Escola para a formação de Enfermeiros aqui no Brasil. Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras – EPEE, em 1890.

Como já foi mencionado mais acima o modelo de assistência e de ensino utilizado tanto no local de prática quanto na parte teórica para a formação dos primeiros Enfermeiros era o francês. Isto porque, como já disse, a França era uma unanimidade em relação as questões de saúde para o mundo e, muitos médicos brasileiros iam para fora em busca de aprimorarem seus conhecimentos, trazendo de volta, as práticas e descobertas francesas.

Essa influência tinha na psiquiatria um de seus maiores exemplos, inclusive o Diretor do Hospital Nacional de Alienados, instituição a qual era subordinada e atrelada a EPEE, o Dr. Teixeira Brandão era assumidamente francófilo. O modelo francês para a psiquiatria tinha como grande mentor os Dr. Pinel e Dr. Esquirol, que implementavam sua assistência no hospício de Salpêtrière, em Paris, de onde vieram as enfermeiras, daí dá para entender o porque dessa escolha. Além dessas enfermeiras o modelo de ensino também veio de Salpêtrière, que não era o único modelo Frances de ensino para enfermeiros. Mas era o que mais se adequava aos ideários dos alienistas brasileiros, em ascendência na sociedade e ávidos por se estabelecerem como categoria médica conceituada.

Contudo, a predominância do modelo assistencial francês a alienados permanece hegemônica por um período porém, logo na mudança de direção do HNA, o novo diretor Juliano Moreira (1903) tenta substituir o modelo vigente (francês) pelo modelo assistencial germânico, pois era grande admirador e seguidor do médico alemão Kraepelin.

Há autores como Tiago Braga do Espírito Santo que dizem que apesar das tentativas insistentes e ferrenhas de Juliano Moreira em estabelecer o modelo assistencial alemão e aniquilar qualquer vestígio da prática francesa, esta ainda se fazia presente em alguns tratamentos e procedimentos. Algo que faz sentido, pois nem todos os médicos da assistência coadunavam com os pensamentos de Moreira e, outros tantos, eram simpatizantes do modelo francês, o que torna pertinente as inferências de Tiago Braga. Para um melhor aprofundamento nesta questão seria importante um estudo sobre as práticas assistenciais e seus executores dentro do HNA nas duas gestões – Teixeira Brandão e Juliano Moreira.

Porém, sabe-se que na Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, sede da EPEAP, cujo diretor, Gustavo Riedel, era discípulo de Juliano Moreira, a assistência que predominava era nos moldes alemães e, um dos exemplos mais importantes e digno de noticiários na imprensa da época era assistência hétero-familiar, baseada naquela desenvolvida por Kraepelin.

Toda essa explanação sobre a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, e as possíveis influências para a sua composição curricular são necessárias para um melhor entendimento do Objeto de estudo deste trabalho: a circularidade cultural das imagens de bandagens veiculadas na obra “Curso de Enfermeiros” para construção do conhecimento inerente ao cuidado, na profissionalização da Enfermagem Brasileira.

Para se perceber como se deu a circularidade de elementos culturais, que subsidiaram a construção do conhecimento acerca dos cuidados na profissionalização da enfermagem no Brasil, foi selecionado o capítulo VI do livro “Curso de Enfermeiros” especificamente a parte

das técnicas de bandagens, essa escolha já foi justificada em linhas anteriores e nas primeiras seções deste trabalho.

O que se verificou é que o autor do livro “Curso de Enfermeiros”, o médico Adolpho Possollo, utilizou-se, basicamente, de duas referências científicas, apesar de ter notificado apenas uma delas, em sua lista de referenciais. Na busca pela origem das imagens identificou-se que estas pertenciam, ou melhor, eram originárias do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*” de I.F. Guillemin, médico da assistência militar francesa, edição de 1875.

Porém, ao analisar a obra de Guillemin, percebeu-se que aqueles desenhos até podiam ser originários desta obra, mas os elementos culturais vinham de um período, ou obra anterior. A semelhanças entre as imagens podem ser vistas na seção 5, deste estudo e, revelam que o conteúdo intelectual contido nas imagens de bandagens do livro de Adolpho Possollo, por consequência de Guillemin, também, já eram utilizados na França de 1838, pela obra de Goffres, “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”.

Estes fatos levam a inferências sobre a circulação dessas imagens e seu conteúdo cultural. Lembrando que cultura é uma terminologia difícil de explicar, considerando que sua abrangência é extensa e complexa, não significando apenas as crenças e hábitos de uma classe ou grupo, mas também englobando todo um conjunto de atitudes, conhecimentos, atividades coletivas e individuais.

Pode ser perceber, pela análise das obras aqui expostas que Adolpho Possollo tinha a intenção de fornecer certo aparato científico à classe da Enfermagem, em formação, mas que ao mesmo tempo não expõe todo o conteúdo que tem a disposição, diz-se assim, pelo fato de que sua referência é um livro de mais de 450 páginas, que contemplam o mesmo tema: bandagens. Nas mais diversas partes do corpo e para as mais variadas indicações, não apenas com imagens, mas também com textos explicativos sobre as técnicas e suas indicações.

Se utiliza sobremaneira das imagens relegando os textos à explicações simplificadas do que elas apresentam. Isto pode ser, também, pelo fato de que as ingressas possuíam um nível escolar elementar e, textos muitos extensos ou complexos dificultaria o entendimento do conteúdo pretendido, ainda que este fosse reduzido.

O fato é que Possollo, ao se apropriar e repassar esse conteúdo imagético fez com que este circulasse entre esferas de conhecimentos, ou melhor, entre classes culturalmente e geograficamente distintas. A primeira transição foi na verdade entre subclasses. Isto é, subgrupos dentro de uma mesma classe, entendendo que pelo fato de todos os autores serem médicos pertenciam à classe médica, porém, dentro desta classe médica, até mesmo por

razões geográficas, sociais e culturais (geosociocultural), havia diferenças significativas que impingiam uma subdivisão na classe.

Outro movimento desses elementos se dá pela transmissão intencional de certo conteúdo imagético, anteriormente apropriado e interpretado. Na verdade transmissão de um conteúdo já diferenciado do primeiro, abarcado por Possollo através de sua leitura, pois o conteúdo que Possollo transmite já é diferenciado daquele primeiro, contido na obra de Guillemin, porque tem a interpretação de Possollo mais uma mescla do conteúdo e informações com o livro de Goffres.

Alguns podem alegar que pelo fato da obra “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”. não ter sido mencionada não pode se dar como certa a sua utilização por Possollo, mas o fato de que no livro “Curso de Enfermeiros” há imagens que apenas estão contidas naquele, já se faz indício suficiente de sua contemplação e uso por Possollo.

Mais um passo adiante na circularidade é a presença da obra, ainda hoje, em lugares distintos, como bibliotecas de medicina e a Biblioteca da Escola de Enfermagem de Coimbra. Significando que a circulação do conteúdo se fez e ainda se faz por meios distintos atingindo classes distintas.

6.1 – Circularidade Cultural Entre as Classes

A mesma classe ou grupo (neste caso a medicina global), dividido em subclasses (médicos de regiões e/ou países distintos), diferente entre si pelo grau de conhecimentos adquiridos /desenvolvidos e elementos culturais inclusive.

Onde os indivíduos menos favorecidos se apropriam de elementos dos grupos mais abastados para se nutrirem do conhecimento necessário ao seu próprio desenvolvimento e, repassarem a *posteriori* a seus pares e para indivíduos de outras classes, fazendo com que esses elementos (que pelo conhecimento que representam estão carregados de simbolismos) sejam transmitidos a outras classes, que não as suas, ou seja, fazem com que aconteça a circularidade desses elementos, não apenas entre as subclasses de um mesmo grupo cultural, mas, também, entre classes de distintos grupos culturais. Isto implica que se pode, à época, ter por objetivo impor, simbolicamente, adoção de outra cultura, com o propósito de manter o controle e a hegemonia de uns sobre outros.

Em outras palavras, Possollo se apropriou de determinadas imagens para transmitir o que interessava a ele, citando às vezes a referência e em outras omitindo, (in)consciente, o que

não se pode afirmar, no entendimento de algumas como releitura para geração de conhecimento inerente a elas, interpretando e transmitindo pela mensagem do texto imagético seus conteúdos a quem poderia interessar, mas em especial, as enfermeiras da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto.

Estas no presente estudo foram entendidas como de classe popular que ao cursarem a Enfermagem passaram a classe letrada, mas sob a dominação da classe médica por serem eles responsável pela inserção de novos conhecimentos culturais, inclusive.

Isto posto, o propósito dele não eram apenas substanciá-las de elementos para a sua formação, mas, acredita-se que fosse necessário a reprodução da crença produzida, como uma das condições de manutenção para a dominação da classe médica, o que não significa, que também não interessa a elas, considerando a distinção cultural que se encontrava em jogo na população em geral.

Pensar, nesta perspectiva, é entender que às vezes é de interesse da classe dominada, assim se submeter, considerando que isto pode ser entendido como distinção. Por outro lado, o fato da circulação cultural, por meio das imagens analisadas neste estudo, evidencia que a transmissão cultural do velho mundo chegava ao Brasil e, assim como Possollo, outros médicos e intelectuais, permanecessem fazendo.

Dito de outra maneira, ter acesso a outras culturas, favorece aquele que se apropria do conhecimento, faz movimentar a cultura e por conseqüente a sua circulação. Com efeito, a discussão em seções anteriores sobre a influencia franco-germânica na Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras e seus desdobramentos, trata-se de perigosa assertiva afirmar ter sido francesa ou germânica, melhor se entende considerá-la híbrida, se é de fato que pode-se se afirmar que determinada linhagem cultural seja pura, seja ela no ensino, de laços familiares, dentre outras.

Até aqui, com base no que foi dito, acredita-se que o efeito da circularidade se prolonga muito mais do que muitos podem imaginar, pois aqui a investigação se deu mediante delimitação da obra de Possollo, mesmo seguindo as edições veiculadas, o que se pode afirmar, é que, possivelmente, muito ainda se tem a investigar sobre ele e seu legado, que, transversalmente, se cruza com a trajetória institucional da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, o que se acredita como produto deste estudo ter emergido mais uma das pontas de outro iceberg na trajetória do autor e da instituição, o que vale investimento na perspectiva da História Cultural.

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, S.M.S. **Inluência germânica nos primórdios da enfermagem profissional na cidade do Recife, Pernanbuco (1924-1927)**. Esc. Anna Nery, vol.14, nº2, Rio de Janeiro, Apr./june 2010
- BARROS.,M. P. de. **No Tempo De Dantes**. 2a.edição ed. Paz e Terra São Paulo, SP 1998 (p. 133)
- BARROS, J. **Sobre a feitura da micro-história**. OPSIS, vol. 7, nº 9, jul-dez 2007.
_____. **A fonte histórica e seu lugar de produção**. Cad. Pesq. Cd his, Uberlândia, v.25, n.2, jul./dez. 2012
_____. **Fontes históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica**. Mouseion, n. 12, mai---ago/2012.
- BENSA, A. **Da micro-história a uma antroplogia crítica**. In: Jogos de escalas – a experiência da microanálise. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas. 1998.
- BOUZON, E. **O Código de Hammurabi**, 6, ed. Petrópolis: Vozes.1998,
- BURKE, Peter. **Cultural popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- BRASILIA: UNESCO, **História Geral da África II: África Antiga**. Secad/MEC, UFSCar, 2010, p137
- BRASILLI. **Decreto nº 791 de setembro de 1890.Decreto de Criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras**. Coleção de leis do Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1890. Disponível em: <HTTP://www6.senado.gov.br/legislacao/Listatextointegral.action?id=53774> [Links]
- CALAINHO, D. B. **Jesuítas e a Medicina no Brasil**. Rev. Tempo, Rio de Janeiro, nº 19, 2005, p. 61-75.
- CERQUEIRA,D. **Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980.
- CÉSAR, M. B. **O Escaravelho-Coração nas Práticas e Rituais Funerários do Antigo Egito**.- Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ,. Dissertação(Mestrado em Arqueologia, Departamento de Antropologia, Museu Nacional, UFRJ), 2009
- CHALHOUB, S. **Cidade febril: cortiço e epidemias na corte imperial**.São Paulo. Companhia das letras;1996
- CHARTIER, R. **A história cultural**. Trad. Lisboa, Diefel; 1990
- CHAVES, J. F. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados do Brasil pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores**, Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1922
- DAVIS, Natalie Zemon. **O povo e a palavra impressa**. In: _____. Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna. Riode Janeiro: Paz e Terra, 1990.

CHURCH, G M. **In search of nursing's history: a communications serviceto nursing school deans adminstrations and faculty.** [citado 21 abr2005]. Disponível em <http://aahn.org/position.html>

COLLIÈRE, M-F. **Promover a Vida. Da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem.** Printipo- Impressões Gráficas, Lisboa – Portugal. 1989

DONANGELO, **Citação** _____ In: OGUISSO,T. Trajetória Histórica e Legal da Enfermagem. Ed. Manole, 2ª ed. Revisada e ampliada, Barueri – SP, 2007

ESPIRITO SANTO, T. B. **Enfermeiras francesas na capital do Brasil (1890 – 1895).** Dissertação(mestrado). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2007

_____. **Gênero e Enfermagem: reafirmação de papéis na seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (1920 - 1921).** Tese de doutorado. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2012

FOULCAULT, M. **Microfísica do poder.**8ª ed. Rio de Janeiro Graal. O nascimento do hospital, p. 99 – 111

GALVÃO, M. A. M. **Origem das plíticas de saúde pública no Brasil: do Brasil colônia a 1930.** Textos do Departamento de Ciências Médicas | Escola de Farmácia, Universidade Federal de Ouro Preto, MG.

GANDELMAN, L. **A Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro nos séculos XVI-XIX,** História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. VIII, nº 3, p. 613-630, Rio de Janeiro, 2001.

GEOVANINI, T., MOREIRA, A. **História da Enfermagem; versões e interpretações.** Revinter; 2ª Ed., Rio de janeiro, 2002, (reimpressão 2005).

GINZBURG, Carlo. Introdução. In: _____. **História noturna: decifrando o sabá.** São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

_____. Prefácio e Pós-escrito de 1972. In: _____. **Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI E XVII.** São Paulo:Cia das Letras, 1988.

_____. Prefácio In: **Sinais: raízes de um paradigma indiciário e os códigos da figuração erótica no XVI.** In: _____.Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

GINZBURG, C., CATELNUOVO, E., PONI, C. **A micro-história e outros ensaios.** Bertrand. Rio de Janeiro. DIFEL. Lisboa. 1989.

GUERIOS, A. J. , PORTELLA. J. R. B. **Os Annales e a micro-história: um viés historiográfico pelas obras do historiador Carlo Guinzburg.**

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Usos da História, refletindo sobre a escrita da História.** In: História em Revista: dossiê- Historiografia. Pelotas, UFFPEL, vol. 6, dezembro 2000

GONZÁLES, J. S. **Historia de la Enfermería.** v.2 Alicante: Consejo de Enfermería de la comunidad Alenciana. 1999.

KLEBA, M.E. **A enfermagem na Alemanha: algumas reflexões sobre sua constituição histórica e o processo atual de profissionalização.** Rev. Latino – Am. Enfermagem, vol. 4, nº3, Ribeirão Preto Dec. 1996.

KLEIN, Lígia Regina. **O manual didático: contexto histórico de emergência e implicações na organização da escola moderna.** In: I Congresso Brasileiro de História da Educação - Educação no Brasil: História e Historiografia. Rio de Janeiro, 6 a 9 de novembro 2000.

LEITE, F. B. **Micro-História como ferramenta de pesquisa para acesso à antiguidade cristã.** Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas. Campinas: 7ª Edição, V.6 – Nº 01 – Julho de 2011.

LE GOFF, J. **A história do cotidiano.** In: Aries, Philippe ET alii. História e nova história. Trad. 2ª ed. Ed. Teorema. Lisboa; 1989

LOMBARDI, José Claudinei. **História e historiografia da educação: atentando para as fontes.** In: LOMBARDI, J. C. e NASCIMENTO, M. I. M. (Org). Fontes, História e Historiografia da Educação. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 141-176

MACHADO, R. et al. **Danação da norma; Medicina Social e constituição da psiquiatria no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MELLO, A. S. e JUNIOR, O. C. S. **Uma leitura da “Circularidade” entre culturas em Carlo Guinzburg.** Janus, Lorena, ano 3, nº 4, 2º semestre de 2006.

MIR, Luís: **Guerra civil:estado e trauma.**Geração editorial, São Paulo,2004

MOREIRA, A. **Desmistificando a origem da Enfermagem brasileira.** In: _____. História da Enfermagem: versões e interpretações. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002

_____. **Profissionalização da Enfermagem brasileira: o pioneirismo da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1890-1920).** Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MOREIRA, A.; OGUISSO, T. **Profissionalização da Enfermagem brasileira.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogn, 2005.

MOREIRA, A., PORTO, F.R. **Registros noticiosos sobre a escola de profissional de enfermeiros e enfermeiras na revista “O Brazil-Médico”, 1890-1922.** Rev. esc. enferm. USP, vol.36, nº 4, São Paulo, Dec. 2002.

MOTT, M. L. **Reverendo a Historia da Enfermagem em São Paulo: (1890 – 1920).** Cadernos Pagu. 1999,15: 327-55

LEVI, G. **Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. 2000.

OGUISSO, T. **Trajetória Histórica e Legal da Enfermagem**. Ed. Manole, 2ª ed. Revisada e ampliada, Barueri – SP, 2007.

PADILHA, M.I.C.S. **A mística do silêncio: A enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no século XIX**. Pelotas – RS. 1998.

PADILHA, M.I.C.S, Borestein, M. S. **O método de Pesquisa Histórica na Enfermagem**. Texto e Contexto Enferm. 2005 14 (4): 575-84

PAIXÃO, W. **História da Enfermagem**. Bruno Buccine/editor, 4ª ed., revista e ampliada, Rio de Janeiro, 1969.

PERROT, M. **Minha história das Mulheres**. São Paulo. Editora Contexto, 2007.

PORTO, F.R. **A Matéria de Administração da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, seção feminina (1922 - 1926)**. Enfermería Global, nº13, Espanha 2008. Disponível em: www.um.es/eglobal, acessado em 05 de outubro de 2012.

PORTO, F. **Ritos Institucionais e a imagem Pública da Enfermeira na Imprensa Ilustrada: O poder simbólico no click fotográfico (1919 – 1925)**. [doutorado]. Rio de Janeiro. Escola Ana Nery. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007

PORTO, F. **A formação da Enfermeira Brasileira e a Dominação Masculina do Corpo**. In: FIGUEIREDO, N.M.A. **Corpo & Saúde: condutas clínicas de cuidado**. Rio de Janeiro. Águia Dourada, 2009, p.84

PORTO, F; Amorim W. **História da Enfermagem. Identidade, profissionalização e símbolos**. São Paulo: Yendi; 2010.

POSSOLLO, A. **Uma viagem à Europa**. Rio de Janeiro, 1907

POSSOLLO, A. **Curso de Enfermeiros**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurilo. 1920

_____. **Curso de Enfermeiros**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurilo. 1930

_____. **Curso de Enfermeiros**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurilo. 1936

_____. **Curso de Enfermeiros**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurilo. 1939

_____. **Curso de Enfermeiros**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurilo. 1942

_____. **Curso de Enfermeiros**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurilo. 1944

_____. **Curso de Enfermeiros**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurilo. 1948

RAGAZZINI, Dário. **Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação?**. In: Educar em revista. n. 18/2001. Curitiba: Editora UFPR, 2001 p. 13-28.

REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

REY, Philippe-Marius. **O Hospício Pedro II e os alienados no Brasil (1875)**. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 15, n. 2, p. 382-403, junho 2012.

RIBEIRO, L. **Medicina no Brasil Colonial**. Editorial Sul Americana, Rio de Janeiro, 1971.

RODRIGUES, M. A.; et al. **História e Memória: Documento *ad usum et beneficium* Curso de Enfermeiros**. Rev. Referencia. Série II – nº 8. Dezembro 2004

SALGADO, J. A. **Transformações e perspectivas da educação médica em Minas Gerais**, In: Congresso Mineiro de Educação Médica, Uberaba, maio de 2007. (Palestra de abertura)

SAVIANI, Dermeval. **Breves considerações sobre fontes para a história da educação**. In: LOMBARDI, J. C. e NASCIMENTO, M. I. M. (Org). *Fontes, História e Historiografia da Educação*. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 3-12.

SILVA JÚNIOR, O. C. **A enfermagem profissional o Brasil: 1890 – 1931**, Anais do IV Encontro de Professores e Pesquisadores de História da Enfermagem e IV Mostra da Produção Científica da história da Enfermagem no Rio de Janeiro, 2006 (Conferência – Tema D)

SILVA, Otto Marques da. **A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. São Paulo: CEDAS, 1986.

SILVA, R.M. **Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras: a contribuição para o ensino de enfermagem no Brasil**. Dissertação (mestrado). Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009

VAINFAS, R. **Os Protagonistas Anônimos da História: Micro-história**. Ed. Campus. Rio de Janeiro; 2002

VERALDO, T. X. **Publicidade das instituições de saúde e a imagem pública da enfermeira brasileira nas páginas da Fon-Fon (1917-1930)**. Dissertação (mestrado). Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

APÊNDICE A – Modelos Inspiradores para a formação dos Enfermeiros nas Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEE) e na Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto (EPEAP)

À época da criação da EPEE (1890) o modelo de assistência psiquiatria a servir de inspiração aos nossos alienistas era o Frances, liderado por Dr. Pinel, mediante suas experiências e pelas idéias de “ordenação do espaço e vigilância arquitetônica” do Dr. Esquirol (AMORIM, 2004 p.22).

Ratificando esse pensamento, têm-se os fatos de que o Diretor do HNA, à época, Dr. Teixeira Brandão era defensor e praticante desse modelo assistencial, o que, provavelmente, contribuiu para o recrutamento de Enfermeiras francesas, oriundas do Hospital de Salpêtrière (Hospício onde atuava Dr.Pinel), para que substituíssem as Irmãs de Caridade, na atenção aos alienados do HNA (AMORIM,2004). Elas trabalharam na HNA por período de cerca de três anos, estipulado no acordo entre França e Brasil (PORTO, 2007).

O eixo influenciador do modelo assistencial se desloca, a partir da mudança na direção do HNA, para o qual foi nomeado Dr. Juliano Moreira, em 1903, passando da influência francesa para a germânica. Juliano Moreira não era, simplesmente, um admirador do modelo germânico da assistência à alienados, ele era um praticante e defensor das idéias de Émil Kraepelin, com o qual se correspondia com certa regularidade (PORTO, 2007; ESPIRITO SANTO, 2012).

Kraepelin, médico alienista alemão, era defensor do entendimento organicista sobre as doenças mentais, entendia a patologia como uma associação entre distúrbios de fundo orgânico que, se manifestavam em comportamentos, moralmente diferenciados, não tendo, contudo, haver com o livre arbítrio dos indivíduos. Por isso, indicava tratamento das doenças mentais, mas longe do confinamento puro e simples (VENÂNCIO, 2004).

Essa influência teve abrangência não apenas no HNA, mas também nas Instituições sob sua tutela. Como foi o caso da Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro (JORGE, 1997 e VENÂNCIO, 2004). Esta Instituição teve por primeiro diretor Braule Pinto, sendo sucedido após seu passamento por Gustavo Riedel, em 1918, (PORTO, 2007). Este não foi escolhido como Diretor da Colônia de Alienadas ao acaso, pois além de sua competência, no campo da psiquiatria, era discípulo de Juliano Moreira, ou seja, alguém que comungava dos ideários germânicos (PORTO, 2007; ESPIRITO SANTO, 2012).

Após assumir a direção da Colônia não tardou em modernizá-la. Um de seus feitos, mais notórios, foi à criação, em um dos pavilhões, do Ambulatório Rivadávia Corrêa, que

contou com repercussão na imprensa. Isto se pode comprovar por meio da veiculação de notícias na Revista da Semana, Revista Fon –Fon e Revista Brasil-Medico. Do que se foi possível localizar, para exemplificar o dito, se apresenta o excerto a seguir:

o primeiro Instituto de Profilaxia de Doenças Nervosas e Mentais em nosso país, é constituído de seis pavilhões ligados entre si por uma espaçosa varanda circular, dando para um jardim central (REVISTA BRASIL-MEDICO 19 -06 -1920 399).

A expressão pela preferência ao modelo assistencial alemão na Colônia do Engenho de Dentro, se figurou no exemplo desempenhado por Kraeplin na Bélgica e em cidades alemãs, a assistência hétero-familiar, ou seja, a guarda de uma ou mais alienadas sob responsabilidade da enfermeira, que ficava sob supervisão do médico psiquiatra e, somente ela era liberada após a alta da mesma. Para isso eram disponibilizados “*bungalows*”, onde viviam a Enfermeira e sua família junto com a alienada, esse tipo de tratamento também era conhecido como *Uchtspringe* (CARDOSO, 1929; PORTO, 2007).

Contudo, para o desempenho dessas atividades era necessário que as enfermeiras tivessem capacidade técnica e que fossem em quantitativo suficiente, o que não ocorria. Fato descrito por Cardoso nos Annaes da Colônia de Pscopatias do Engenho de Dentro, onde registra que:

deficiência dos serviços de enfermagem, pela falta completa e absoluta de enfermeiras idôneas, pois que, taes serviços vinham sendo confiados a enfermeiras diplomadas, com notório prejuizo para aquelles serviços, sem duvida um dos mais importantes de um hospital (CARDOSO 1929; p:55).

De acordo com Porto (2007) essa situação se confirma pelo fato de que a EPEE, até então, teria formado uma única turma, que constava de seis indivíduos (02 mulheres; 03 homens e 01 não identificado)⁸ e que os outros cursos à época não possuíam uma formação voltada ou que abrangesse a assistência psiquiátrica.

⁸ José Joaquim Dias Paredes; Aureliano Francisco de Carvalho; Albertina Gomes Barreto; Conceição da Silva Carvalho; Henriqueta Rosas. MOREIRA, A. R. pesq.: cuid. fundam. online 2010. jul/set. 2(3):1181-1183

Para sanar essa deficiência foi criada, em 1920, a seção feminina da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras – EPEAP, localizada na própria Colônia do Engenho de Dentro, onde se deve destacar o nome de Gustavo Riedel, que se empenhou para a criação da mesma. Para isso, ele contou com o apoio de outros membros influentes da classe, bem como de políticos já citados anteriormente. (MOREIRA, 2005)

Esta foi criada, com o intuito de proporcionar ensino e formação de Enfermeiras, sendo fruto do anseio da classe médica dos alienistas que necessitavam de mão de obra especializada para os cuidados aos enfermos. (PORTO, 2007)

Esse tipo de estratégia já havia sido utilizada, pelo próprio Gustavo Riedel, quando homenageou o Ministro Rivadávia Corrêa, ao dar seu nome ao tão divulgado Ambulatório da Colônia.

A inauguração da EPEAP foi noticiada pela imprensa, como se apresenta na reportagem da Revista da Semana intitulada “A Escola Profissional de Enfermeiras na Colônia de Alienadas” (Revista da Semana, 18-06-1921, pg.23), sendo mencionada a presença de ilustres representantes civis, da classe médica e políticos. Destaca-se o pronunciamento do Ministro da Justiça e Negócios Interiores Alfredo Pinto, que se referiu à Escola como uma esperança possível para o desenvolvimento da assistência hétero-familiar, ratificando, desse modo, que era o modelo germânico o empregado naquela instituição (PORTO, 2007).

Por esses e outros motivos, PORTO infere que houve influência do modelo germânico, após 1920, no ensino da de Enfermagem empregado pela Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, tendo como mentor Juliano Moreira e seu seguidor Gustavo Riedel.

Contudo, pode se inferir que MOREIRA (2003) defende a vertente de que houve influência do modelo francês para se ensinar à Enfermagem da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, tendo em vista que, o currículo desta Escola não se diferenciou em relevância da sua precursora a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras.

Esta autora ao concordar com Goodson (1991), quando menciona a importância do currículo para a invenção de tradições e, assim, da caracterização da identidade de uma profissão, busca entender quais foram as bases para a criação do currículo/tradição/identidade dos profissionais formados pela EPEE e EPEAP.

Mediante as teses defendidas por cada pesquisador, Moreira (2005) argumenta que algum médico, atuante no Hospício Nacional de Alienados (HNA), sede e órgão gestor da EPEE, por ter estudado fora do Brasil, o que era comum àquela época, possa ter trazido o

manual do Dr. Bourneville e o utilizado como arcabouço para a construção do currículo da EPEE, bem como material didático para o ensino dos alunos.

Esta argumentação deve-se ao fato de que foi encontrado nos arquivos da EPEE, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, dois exemplares da sétima edição do referido manual, que foi ofertado à Escola por um de seus professores, o Dr. Oscar Ramos. Neste sentido, pela análise não só do conteúdo didático, mas também dos prefácios, visualizou-se semelhança dos títulos e subtítulos da obra de Bourneville com o currículo apresentado para a EPEE (MOREIRA, 2005).

Ainda de acordo com MOREIRA essa semelhança se estende ao livro “Curso de Enfermeiros” do Dr. Adolpho Possollo, lançado em 1920, com mais seis edições e, que segundo seu autor, foi elaborado para servir ao ensino das alunas da EPEAP. Para tanto, baseou-se, quase que fidedignamente, no currículo da Escola – EPEAP - determinado pelo Regimento Interno, que como já mencionado, não sofreu modificações de monta no currículo da EPEE (SILVA, 2009).

O conteúdo do livro é dividido em capítulos que se assemelham as matérias determinadas como base curricular pelo Regimento Interno, tendo apenas um capítulo extra, que não está contido no programa. Adolpho Possollo deixa claro na apresentação de sua obra de que esta fora criada para a Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, depositando nela, inclusive, esperanças na formação de profissionais para a assistência de Enfermagem (POSSOLLO, 1920).

Na relação de obras consultadas para auxiliar na elaboração do livro, pode-se perceber um quantitativo superior oriundo da literatura francesa, o que pode ser indício de uma simpatia pela assistência francesa, ainda, que seja médica e não de enfermagem (POSSOLLO, 1920; ESPIRITO SANTO, 2009).

Conjugando-se ao pensamento de PORTO e de MOREIRA, tem-se ESPIRITO SANTO, que defende a vertente de que o modelo assistencial e, por conseguinte de ensino, que se aplicava na EPEAP era uma mistura entre francês e germânico. Seria ele um misto desses dois modelos e influências que vigoravam na assistência à época, ou seja, era um modelo de um período de transição, com influências francesas e germânica, uma assistência franco-germânica.

ESPIRITO SANTO (2012) menciona que ao contrário das propostas e de todo o empenho de Juliano Moreira em substituir o modelo assistencial francês pelo germânico, o que se via era uma mescla de ações oriundas das duas influências, tendo assim um ensino híbrido na Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto. Diante disto, pode se entender

esse hibridismo, pois teoricamente as alunas tinham aprendido, possivelmente, na linha de raciocínio francês, em contrapartida a prática executada na assistência era germânica.

Essa hibridização seguiu para o ensino da Enfermagem, já que este era oriundo do saber e prática médica. Portanto, esta se refletia na formação dos enfermeiros dessas instituições, de acordo com as palavras de Espírito Santo:

o que foi observado em todos os espaços do cotidiano profissional foi uma composição paradigmática franco-germânica uma vez que, ao mesmo tempo em que se preservavam as antigas técnicas como banhos, aplicaram-se novos métodos, como a Klinoterapia e a Assistência Hétero-Familiar (ESPIRITO SANTO, 2012, p.91).

Contudo, percebe-se em seus apontamentos uma sobreposição do modelo germânico em relação ao francês. Este autor aponta para uma massificação de implementações, oriundas dessa influência, com o intuito de fortalecer e estabelecê-la. Exemplos disto são: o Ambulatório Rivadávia Corrêa, com instalações nos moldes germânicos, e a própria atividade assistencial hétero-familiar, seguindo a influência de Kraepelin (PORTO, 2007; ESPIRITO SANTO, 2012).

Entende-se que a EPEAP tinha como campo de estudo prático o Ambulatório Rivadávia Corrêa, que se encontrava no espaço físico da Colônia de Alienadas, com toda uma estrutura que lembrava as instituições alemãs, como descritas por Adolpho Possollo em seu Relatório “Uma Viagem a Europa” (1907); uma planificação de assistência que como já mencionado era oriunda das ideias do psiquiatra alemão Kraepelin; mas que também possuía um currículo didático baseado em um momento em que a primazia era do modelo de assistência francesa, tanto médico quanto de enfermagem, o livro elaborado para a Escola baseava-se, fortemente, em autores franceses para a assistência à saúde e que possuía uma vertente forte para a conduta moral da enfermagem francesa. Além disso, não se pode esquecer do manual do Dr. Bourneville doado à Escola por um docente e também dos Banners alemãs, que exemplificavam algumas técnicas de bandagens.

Nesta perspectiva, é que se alimenta um dos motivos para a presente pesquisa, que neste momento traz a tona mais um questionamento propulsor: qual foi a influência predominante para o saber-fazer aplicado na formação dessas enfermeiras?

Como resposta imediata e direta, não se sabe decerto a possibilidade da assertiva, até mesmo porque a delimitação do estudo se encontra direcionada para as imagens das técnicas de bandagens, veiculadas nas obras de Adolpho Possollo, que, aliás, apesar de várias publicações e edições, se desconhece o motivo da ausência de seu nome como professor da Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto.

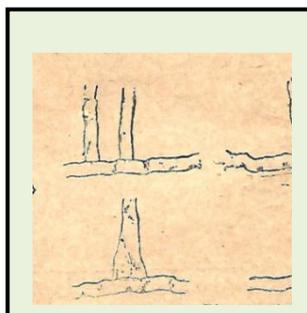
Para isso se faz necessário uma observação mais aprofundada do conteúdo do livro, como um todo, para que de forma mais segura possamos depreender qual modelo teve influência na formação dos Enfermeiros da EPEAP.

APÊNDICE B - Catálogo de Imagens pertencentes aos livros analisados

Este catálogo apresenta as imagens retiradas das obras literárias estudadas neste trabalho. Aqui se apresentam individualmente, por partes do corpo a que se destinam e por obra/autor. Iniciaremos com as imagens do Livro “Curso de Enfermeiros ” , de Adolpho Possollo (edição de 1942), seguindo com as imagens do livro “*Manuel Pratique de La Garde-Maladeet de L’infirmière*”, de Bourneville (1907), continuando com as imagens do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*” de Guillemin (publicado em 1875) e finalizando com as imagens do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”, de Gofres (obra de 1838) .

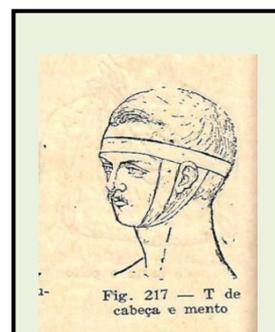
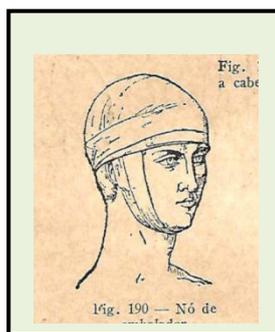
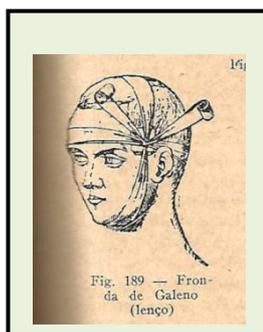
Imagens retiradas do livro “Curso de Enfermeiros” Autor Adolpho Possollo, ano 1942

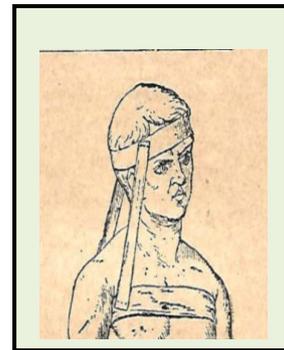
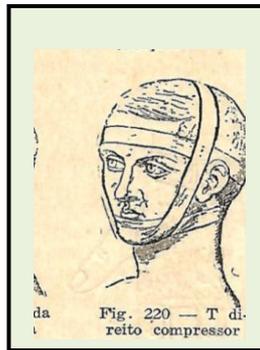
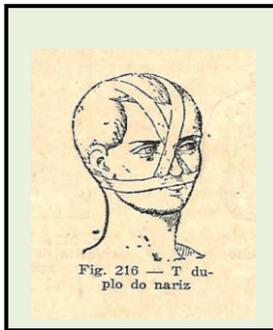
Materiais Correlatos:



- Imagem n. 21 extraída do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

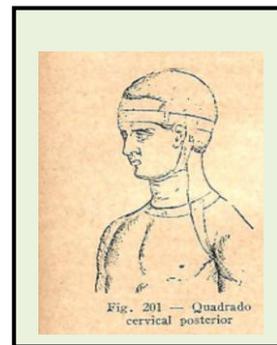
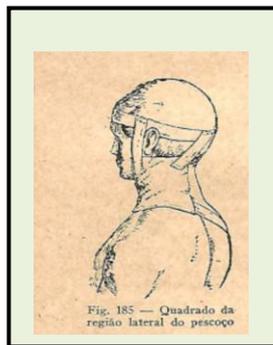
Cabeça:





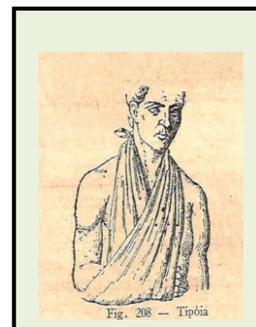
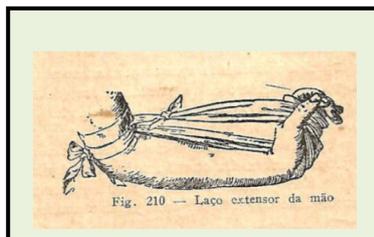
Imagens n.35; n.36; n.37; n.38; n.39; n.40 extraídas do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

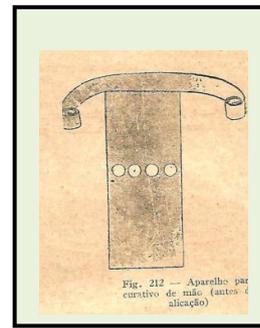
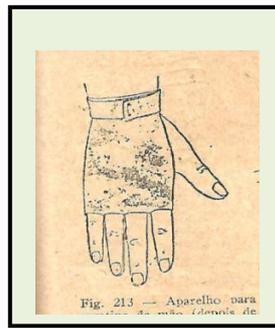
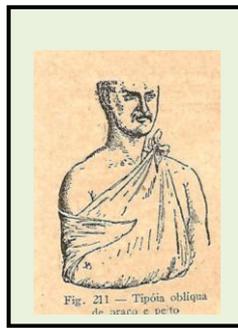
Região Cervical:



Imagens n.44; n.45; n.46. extraídas do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

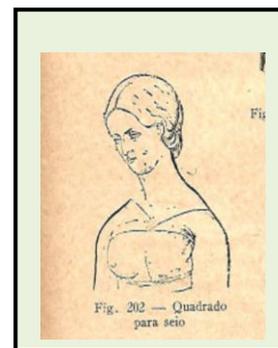
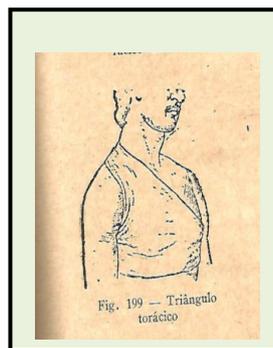
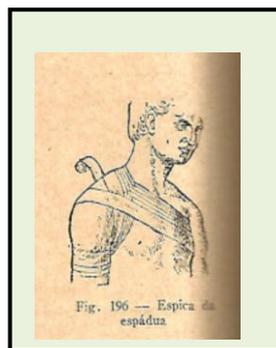
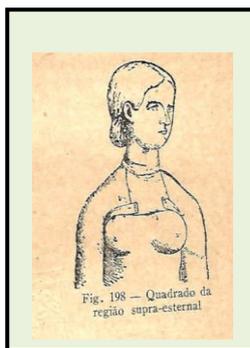
Membros Superiores:





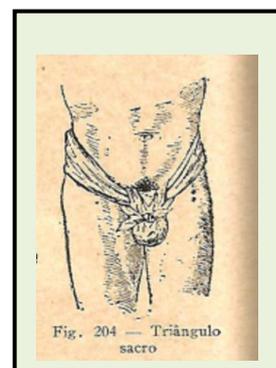
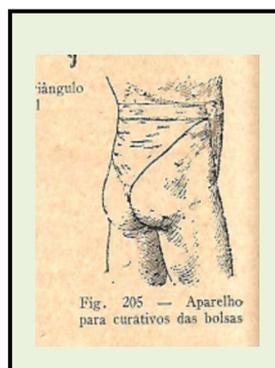
Imagens n.55; n.56; n.57; n.58 imagens n.81; n.82,.. extraídas do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

Região Torácica:



Imagens n.65; n.66; n.67; n.68 extraídas do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

Região Abdominal e Genitais:



Imagens n.74; n.75; n.76 extraídas do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

Membros Inferiores:

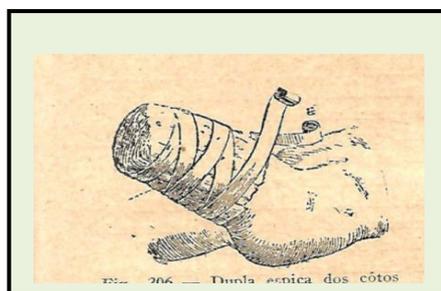
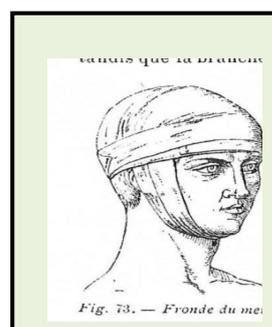
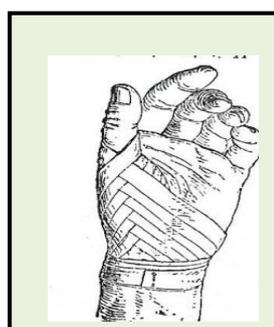
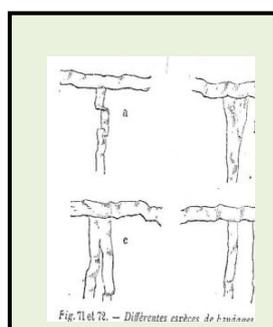


Imagem n78; extraída do livro “Curso de Enfermeiros” (1942)

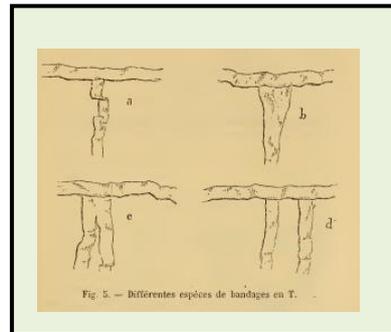
Imagens retiradas do livro “*Manuel Pratique de La Garde-Malade et de L’infirmière*”. do Dr. Bourneville



Imagens n.83; n.84; n.85; n.86 extraídas do livro “*Manuel Pratique de La Garde-Malade et de L’infirmière*”, Bourneville, 1907

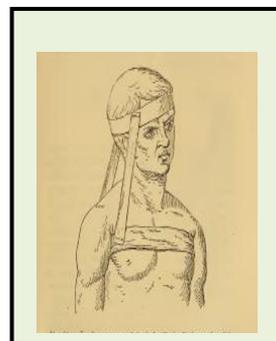
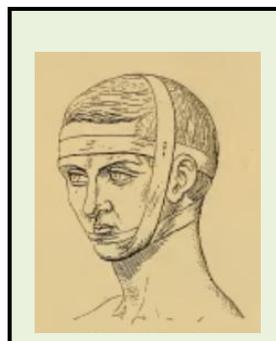
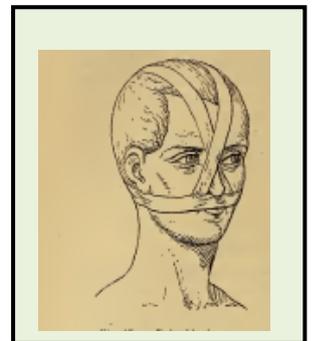
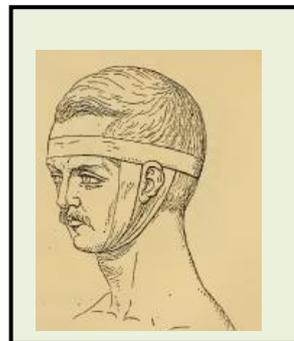
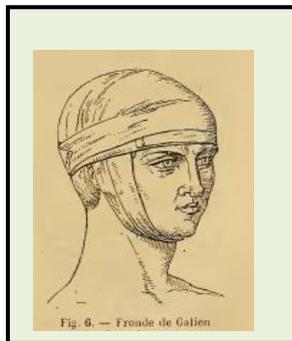
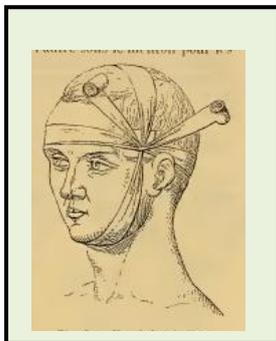
Imagens retiradas do livro “*Les bandeges et les appareils à fractures*”

Materiais Correlatos:



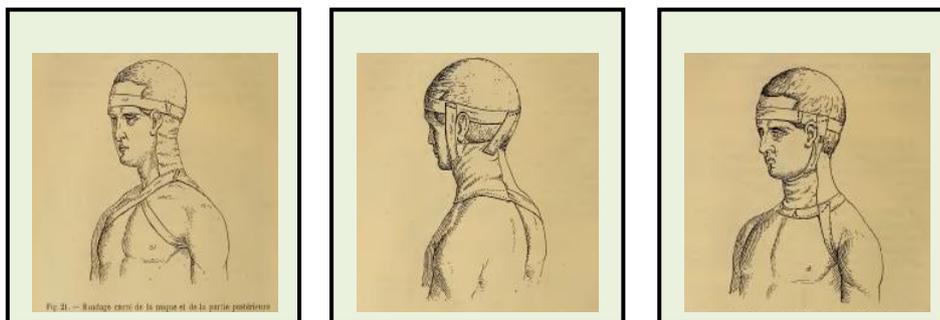
Imagens n.20 e n 21 extraída do livro “*Les bandeges et les appareils à fractures*”.

Cabeça:



Imagens n.29; n.30; n.31; n.32; n.33; n. 34 extraídas do livro “*Les bandeges et les appareils à fractures*”

Região Cervical:



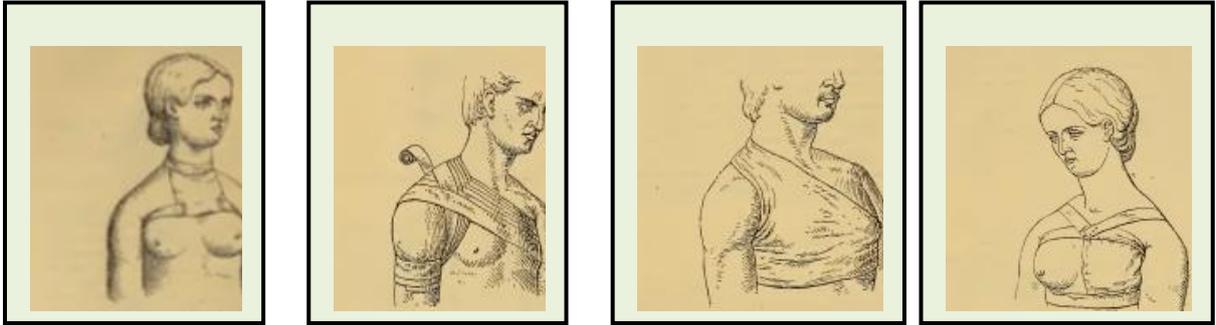
Imagens n.41; n.42; n.43. extraídas do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”

Membros Superiores:



Imagens n. 51; n.52; n.53; n.54 extraídas do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”

Região Torácica:



Imagens n.61; n.62; n.63; n.64 extraídas do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”

Região Abdominal e Genitais:



Imagens n.71; n.72; n.73 extraídas do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”

Membros Inferiores:



Imagem n.77 extraída do livro “*Les bandages et les appareils à fractures*”

Imagens retiradas do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”

Materiais Correlatos:

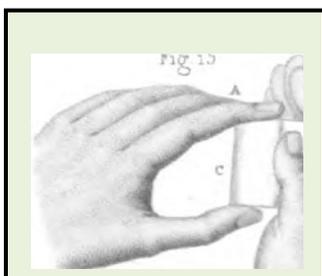
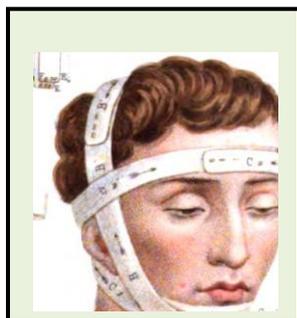
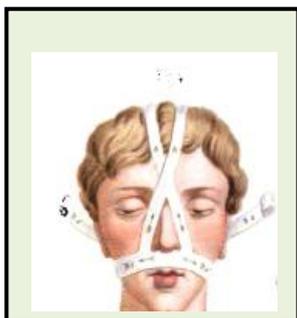
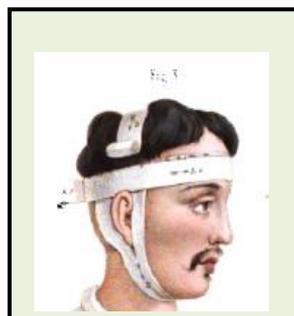
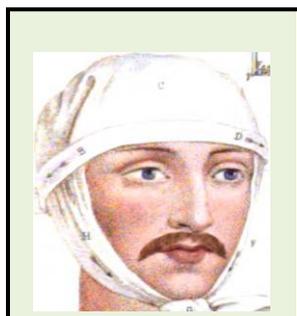
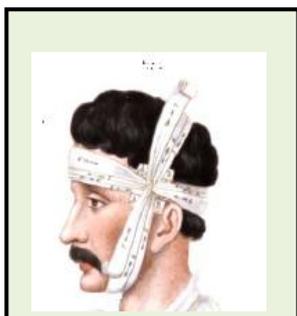


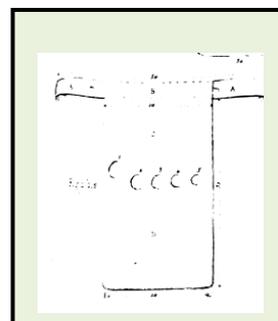
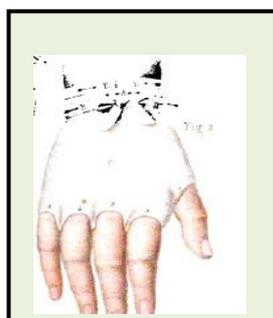
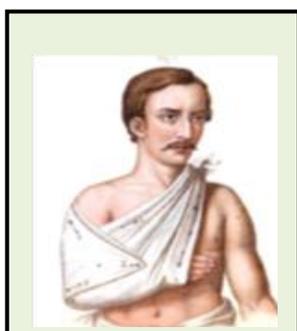
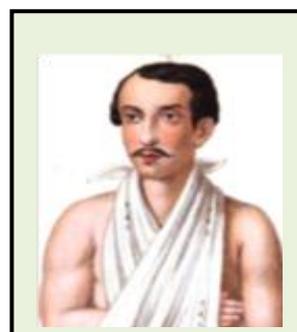
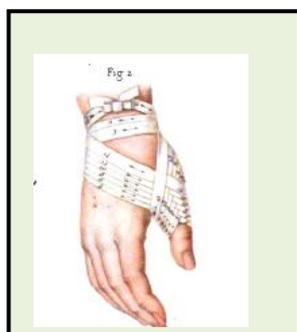
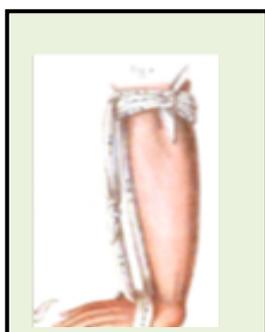
Imagem n.19 extraída do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”

Cabeça:



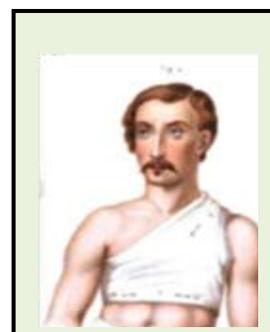
Imagens n.23; n.24; n.25; n.26; n.27; n.28 extraídas do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”

Membros Superiores:



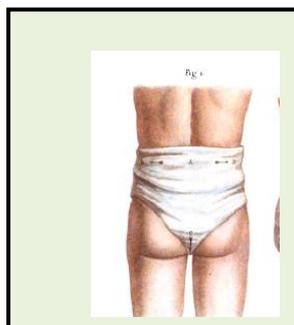
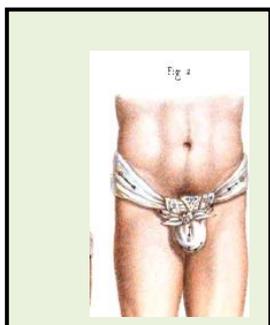
Imagens n. 47; n.48; n.49; n.50, n 79 e n 80 extraídas do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”

Região Torácica:



Imagens n. 59; n.60 extraídas do livro “*Précis iconographique de bandages, passéments et appareils*”

Região Abdominal e Genitais:



Imagens. n.69; n.70 extraídas do livro “*Précis iconographique de bandages, pansements et appareils*”